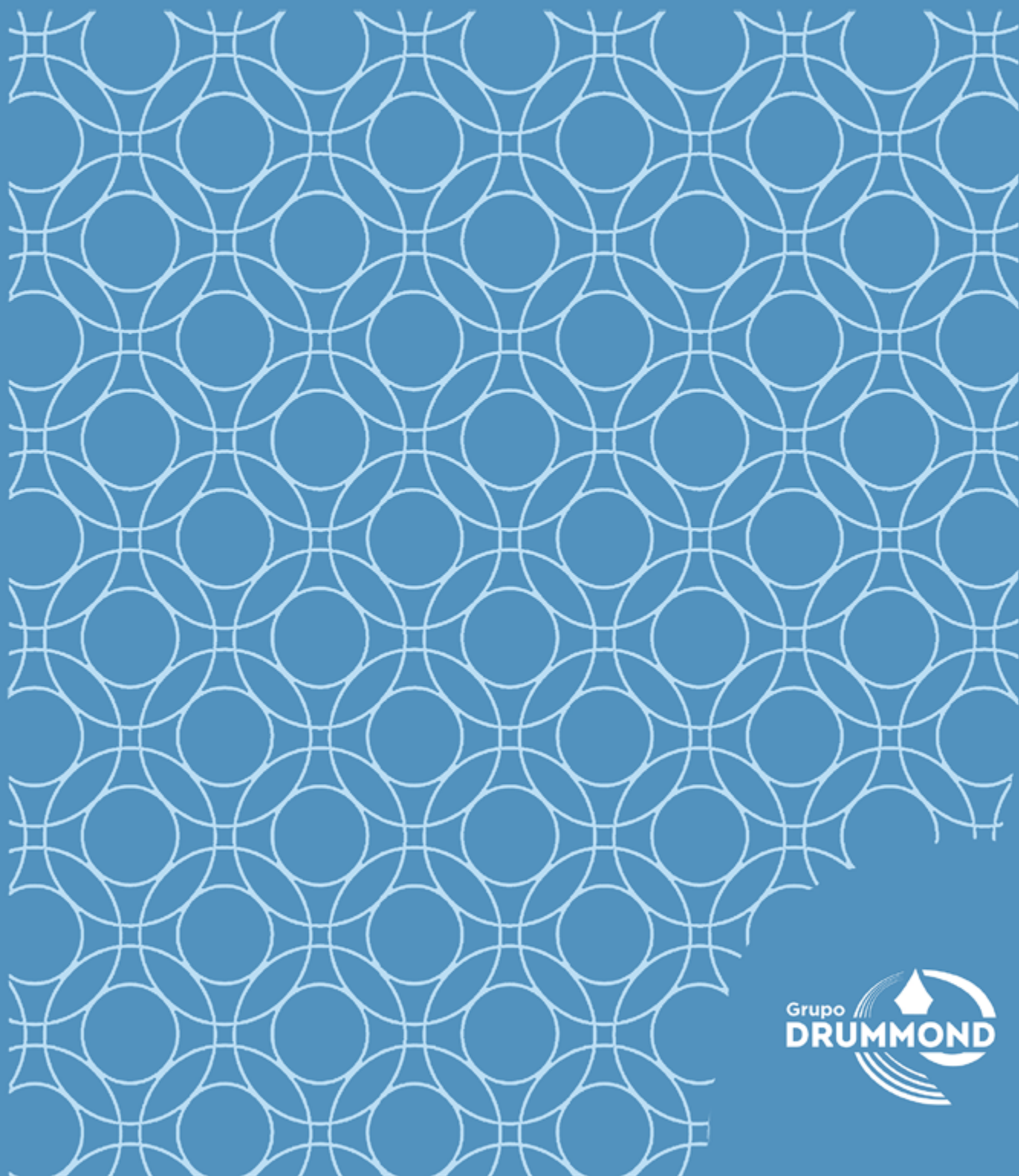


Revista Acadêmica Drummond

# Read

Ano 11 · Número 14 · Dezembro de 2023 · ISSN: 2179-02647



**GRUPO EDUCACIONAL DRUMMOND**

**READ**

**Revista Acadêmica Drummond**

**Ano 11 – Número 14 – Dezembro de 2023**

**ISSN: 2179-02647**

**São Paulo 2023**

## **READ – REVISTA ACADÊMICA DRUMMOND**

A READ - Revista Acadêmica Drummond - é uma publicação semestral de acesso aberto e gratuito, publicada pelo Grupo Educacional Drummond, que engloba as instituições de Ensino: UniDrummond, UniTec, Uniten e Centro Superior de Estudos Jurídicos Carlos Drummond de Andrade.

A revista tem como objetivo divulgar a produção técnico-científica produzida pelos corpos docente e discente do Grupo Educacional.

## **CONTATO**

### **ReAD – Revista Acadêmica Drummond**

Centro Universitário Carlos Drummond de Andrade – UniDrummond

**Rua:** Professor Pedreira de Freitas, 401/415 - São Paulo – SP / CEP:03312-052

**Fone:** (11) 2942-1488

<https://drummond.com.br/revista-academica-drummond-read/>

**e-mail:** [read@drummond.com.br](mailto:read@drummond.com.br)

## **EDITORIAL**

A estrutura editorial da Revista Acadêmica Drummond é constituída por: (I) Conselho Editorial; (II) Corpo Editorial Científico; (III) Editor-Chefe; e (IV) Avaliadores Ad Hoc.

## **EQUIPE EDITORIAL**

### **CONSELHO EDITORIAL**

#### **PRESIDENTE DO CONSELHO EDITORIAL**

**Prof. Dr. Osmar Basílio**

### **EDITORES EXECUTIVOS**

**Profa. Me. Aurenice dos Santos Leite**

[Currículo Lattes](#)

**Prof. Dr. Jorge Wilson da Conceição**

[Currículo Lattes](#)

### **MEMBROS DO CONSELHO EDITORIAL**

**Prof. Dr. Carlos Vital Giordano**

[Currículo Lattes](#)

**Prof. Dr. Emerson Salino**

[Currículo Lattes](#)

**Profa. Me. Eunice Nogueira**

[Currículo Lattes](#)

**Profa. Me. Fabiola Mastelini**

[Currículo Lattes](#)

**Profa. Me. Rosana Auricchio**

[Currículo Lattes](#)

**Prof. Me. Winston Sonehara**

[Currículo Lattes](#)

#### **AVALIADORES AD HOC**

Dra. Arlene Moreno de Castro

Me. Carlos Alberto Martins

Dr. César Augusto Alves da Silva

Dr. Danilo Jr. de Oliveira

Me. Diego Sanchez

Me. Douglas Figueiredo Cossote

Me. Enos Neves Coelho de Andrade

Me. Eudes Martins de Araújo

Dra. Maria Regina Chirichella

Me. Mário Luiz Maia Guerra

Me. Rener Busso de Martini

Me. Rogério Sarkis da Costa

Dra. Rosana Vallinas Llausas

#### **BIBLIOTECÁRIA RESPONSÁVEL**

Kelli Helena Santos da Silva

#### **Capa**

Emerson de Souza Fernandes

**Diagramação**

Jorge Wilson da Conceição

**Indexação e Diretórios**

A READ está indexada no seguinte repositório: [Sumários.org](http://Sumários.org)

**Declaração de Privacidade**

Os nomes e endereços informados nesta revista serão usados exclusivamente para os serviços prestados por esta publicação, não sendo disponibilizados para outras finalidades ou a terceiros.

**A IMPORTÂNCIA DA EDUCAÇÃO FINANCEIRA NA EDUCAÇÃO BÁSICA  
PARA UMA GESTÃO FINANCEIRA CONSCIENTE..... 7**

VERNIZZI, Mario Alberto Zambrana

**AS MÚLTIPLAS INTELIGÊNCIAS NA SOCIEDADE CONTEMPORANEA .....20**

SANTOS, Rosenildo Modesto

VERNIZZI, Mário Alberto Zambrana

**EMPREENDEDORISMO FEMININO – PILAR FORTE DA NOSSA ECONOMIA.... 30**

ROCHA, Caroline Lima

SOUZA, Erika Andrade de

FONTES, José Alisson Lima

RIBEIRO, Taina das Graças Silva

MACHADO, Thiago Pereira

RISCHIONI, Giuseppina Adele (Orientadora)

**PERCEPÇÃO DA IMAGEM CORPORAL POR BAILARINAS CLÁSSICAS**

**PROFISSIONAIS ..... 50**

CUNHA, Fabio Aires da

SOUZA, Sophia Carnaúba

**TEORIA GERAL DO PROCESSO E CRIMINOLOGIA - DO DIREITO,  
DA SOCIEDADE E A VIOLÊNCIA.....63**

AUTOMARE, Marcio Miguel

BREION, Priscila Camati

MARINHO, Vanessa Tibério Vieira

BUSNELLO, Maria Regina de Castro (Orientadora)

## A IMPORTÂNCIA DA EDUCAÇÃO FINANCEIRA NA EDUCAÇÃO BÁSICA PARA UMA GESTÃO FINANCEIRA CONSCIENTE

### The Importance of Financial Education in Basic Education for Conscious Financial Management

VERNIZZI, Mario Alberto Zambrana<sup>1</sup>

#### RESUMO

O artigo examinou a incorporação da Educação Financeira na Educação Básica, com o objetivo de sensibilizar os alunos sobre a relevância da Matemática Financeira. A introdução de conceitos financeiros desde a infância auxilia no desenvolvimento de comportamentos saudáveis em relação ao dinheiro. A compreensão de orçamento, poupança e investimento evita armadilhas financeiras, como o endividamento excessivo. A Educação Financeira estimula a reflexão sobre escolhas de consumo, capacitando os alunos a diferenciar entre desejos e necessidades, promovendo uma abordagem consciente ao consumo e estabelecendo uma base sólida para decisões financeiras ao longo da vida. O estudo bibliográfico, ancorado em referenciais teóricos, contribuiu para o pensamento crítico e cidadania informada. A abordagem pedagógica e reflexiva da Educação Financeira desempenha um papel vital na formação de indivíduos conscientes de seus direitos e responsabilidades, beneficiando todas as faixas etárias. O ensino dessa disciplina capacita as pessoas a gerirem dinheiro com prudência, fomentando o gasto responsável para um futuro mais seguro, reduzindo a dependência de programas de assistência social. O estudo enfatiza a relevância da Educação Financeira na sociedade, destacando o papel crucial da escola na formação financeira dos alunos. Além disso, evidencia que a contextualização da matemática financeira aumenta o interesse dos alunos e facilita a aprendizagem. Em resumo, aprimorar o ensino dessa disciplina requer a integração da teoria com a prática, estimulando o interesse e conferindo significado às lições.

**Palavras-chave:** Educação financeira. Pensamento crítico. Educação básica.

#### ABSTRACT

This article examined the integration of Financial Education in Basic Education, aiming to raise awareness among students about the importance of Financial Mathematics. Introducing financial concepts from childhood helps develop healthy money-related skills and behaviors. Understanding the basics of budgeting, saving, and investing helps students avoid financial pitfalls, such as excessive debt. Financial education encourages reflection on consumption choices, empowering students to differentiate between wants and needs, promoting mindful consumption, and establishing a solid foundation for lifelong financial decision-making. A bibliographical study, based on theoretical frameworks, contributed to critical thinking and informed citizenship. When approached pedagogically and reflectively, Financial Education plays

---

<sup>1</sup> prof.mario.vernizzi@drummond.com.br; Mestre em Educação Matemática; Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC/SP).

a vital role in shaping individuals aware of their rights and responsibilities, benefiting children, teenagers, and adults and establishing foundations for a healthy financial life. Teaching Financial Education empowers individuals to manage their money wisely, encouraging responsible spending and contributing to a more secure future, less dependent on social assistance programs like retirement plans. This study highlights the relevance of Financial Education in society and the crucial role of schools in shaping students' financial literacy. It also shows that contextualized Financial Mathematics increases students' interest and facilitates learning. In summary, improving the teaching of Financial Mathematics requires integrating theory with practice, stimulating interest, and attributing meaning to lessons for students.

**Keywords:** Financial Education. Critical thinking. Basic Education.

**Como citar este artigo:**

VERNIZZI, Mario Alberto Zambrana. A importância da educação financeira na educação básica para uma gestão financeira consciente. **Revista Acadêmica Drummond – ReAD**. São Paulo. 2023. Disponível em: (colar link desta edição). Acesso em: (dia mês ano – exemplo: 03 ago. 2023.)

## 1. INTRODUÇÃO

O ser humano cria teorias e práticas que são as bases de elaboração do conhecimento e de decisões comportamentais a partir de representações da realidade, que transitam entre experiências reais e pensamentos.

Segundo SAITO (2007), a Matemática Financeira tem sua importância registrada desde o aparecimento das primeiras civilizações, que já a utilizavam em seu cotidiano para cobrar pelo empréstimo de alguma coisa. Nesses primórdios os juros<sup>1</sup> eram pagos através de sementes, grãos ou outros tipos de bens. Principalmente porque no Brasil o hábito de educação financeira não faz parte da realidade socioeducacional, tampouco familiar.

O MEC (Ministério da Educação e Cultura) homologou em 2018 a nova Base Curricular Comum Nacional (BNCC), em que determina dez competências a serem desenvolvidas nos alunos da Educação Básica. Além da definição de competências, há temas transversais que devem ser abordados durante o período escolar, e entre eles está a educação financeira. (SEBRAE, 2019)

Diante dessa realidade o presente artigo tem como objetivo demonstrar a importância de integrar a educação financeira na educação básica não apenas para contribuir para o desenvolvimento pessoal dos estudantes, mas também tra-

---

<sup>2</sup> Custo do dinheiro ao longo do tempo, representando o pagamento adicional feito pelo mutuário ao credor, ou vice-versa, como uma forma de compensação pelo uso dos recursos financeiros.



zer implicações positivas para a estabilidade financeira da sociedade como um todo. O fomento à autonomia e responsabilidade do educando na organização de seu orçamento contribui também no orçamento familiar, no período de formação da consciência crítica e cidadã, instigando-os e levando-os ao pensamento reflexivo.

O artigo utiliza-se de uma abordagem qualitativa de aspecto descritivo por meio da revisão bibliográfica. A busca em literaturas foi realizada em livros, artigos científicos e pesquisas na web. Os descritores utilizados foram: educação financeira e estatística, economia, educação básica.

O tema foi escolhido por contribuir para uma relação equilibrada com o dinheiro, para que crianças e jovens possam consumir e poupar de modo ético, consciente e responsável e melhorar a compreensão em relação a conceitos e produtos financeiros. Daí a importância de integrar a educação financeira no currículo escolar, não apenas para o benefício imediato dos alunos, mas também para a promoção de uma sociedade mais consciente financeiramente. A educação financeira nas escolas contribui para a formação de cidadãos capazes de gerenciar eficazmente seus recursos financeiros, impactando positivamente suas vidas e a sociedade como um todo.

## 2. DESENVOLVIMENTO

Os PCN (Parâmetros Curriculares Nacionais) em suas considerações preliminares para a área da Matemática no Ensino Fundamental estão pautados no seguinte objetivos e princípios:

Saber utilizar diferentes fontes de informação e recursos tecnológicos para adquirir e construir conhecimentos; [...]. Utilização do sistema monetário brasileiro em situações-problema. [...]. Curiosidade por questionar, explorar e interpretar os diferentes usos dos números, reconhecendo sua utilidade na vida cotidiana (BRASIL, 1997 p. 48).

Os Parâmetros Curriculares de Matemática dos terceiro e quarto ciclos abordam a questão da seguinte maneira:

[...] com a criação permanente de novas necessidades transformando bens supérfluos em vitais, a aquisição de bens se caracteriza pelo consumismo. O consumo é apresentado como forma e objetivo de vida. É fundamental que nossos alunos aprendam a se posicionar criticamente diante dessas questões e compreendam que grande parte do que se consome é produto do trabalho, embora nem sempre se pense nessa relação no momento em que se adquire uma mercado-

ria. É preciso mostrar que o objeto de consumo, seja um tênis ou uma roupa de marca, um produto alimentício ou aparelho eletrônico etc., é fruto de um tempo de trabalho, realizado em determinadas condições. Quando se consegue comparar o custo da produção de cada um desses produtos com o preço de mercado é possível compreender que as regras do consumo são regidas por uma política de maximização do lucro e precarização do valor do trabalho. Aspectos ligados aos direitos do consumidor também necessitam da Matemática para serem mais bem compreendidos (Brasil, PCN, 1997. p.35).

Martins (2004, p. 5) explica a falta de noções mínimas sobre Educação Financeira:

Uma criança [...], durante a educação básica, é obrigada a memorizar nomes e datas de pouca utilidade na vida real. Em pouco tempo tudo, ou quase tudo, é esquecido. Nesses anos, o aluno não estuda noções básicas de comércio, economia, finanças ou impostos. O sistema educacional ignora o assunto 'dinheiro', algo incompreensível, já que a alfabetização financeira é fundamental.

Conforme a Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE, 2005), a Educação Financeira consiste no processo pelo qual os indivíduos e as sociedades melhoram seu entendimento acerca dos conceitos e produtos financeiros. Para tal, analisam três grupos de abordagens: informação, formação e orientação, para que os indivíduos possam desenvolver valores e competências que passam a ser primordiais para se tornarem mais conscientes das oportunidades e riscos envolvidos.

No mundo moderno, impõe-se cada vez mais o papel da educação tendo uma função primordial no desenvolvimento do cidadão na sua integralidade. Se a pretensão é que os conhecimentos escolares contribuam para a formação desse cidadão faz-se necessário que se incorporem como ferramentas, como quais recursos os estudantes podem recorrer para resolver diferentes tipos de problemas que se apresentem a eles nas mais variadas pois a aprendizagem deve desenvolver-se num processo de negociação de significados. Portanto, integrar a educação financeira na educação básica não apenas contribui para o desenvolvimento pessoal dos estudantes, mas também tem implicações positivas para a estabilidade financeira da sociedade como um todo.

Segundo Saito (2007), a melhor maneira de abordar, seria na escola com o apoio da família, assim o estudante entenderia que a Educação finan-

ceira, não visa ao enriquecimento e sim à conscientização, para que o jovem desenvolva atitudes para saber lidar com o dinheiro, podendo ter uma vida segura. Assim, a educação financeira não será apenas um aprendizado em fase escolar, mas o acompanhará a vida inteira.

Cada indivíduo participante do processo de formação do ser humano tem uma parte de responsabilidade nesse processo de mudança pela qual a educação passa. E a Educação Financeira vem ser um elo entre várias áreas do conhecimento, no sentido de fazer com que trabalhem juntas e formem na epistemologia do aluno conceitos capazes de instrumentalizá-lo para a construção de sua autonomia. (SAITO, 2007, p. 7).

Pode-se identificar que os próprios conceitos de educação financeira trazem consigo a importância do tema. Ou seja, ao analisar os conceitos de educação financeira, percebe-se que está embutida a relevância de sua realização.

OLIVEIRA (2007, p. 27) define a educação financeira como “a arte de aplicar os princípios e conceitos de finanças em auxílio à tomada de decisões financeiras pessoais”. Permitindo, assim, ao indivíduo, condições de obter um resultado satisfatório em relação as suas finanças.

Neste sentido Saito (2007), sugere que a Educação Financeira seja incluída na escola como tema transversal, pois desde a infância, as pessoas têm à sua frente muitos bens e serviços disponíveis. O comércio eletrônico cria novas oportunidades de compra, disponibilizando uma diversidade de produtos ainda maior. O apelo do marketing é cada vez mais intenso. Jovens egressos da Educação Básica terão, no dia a dia, necessidade de administrar seus orçamentos tomando decisões em relação ao uso do próprio dinheiro. Assim, poderão atentar para a possibilidade de poupar parte da renda, fazendo planejamentos a curto, médio ou longo prazo.

Torna-se, impossível, no entanto, pensar a respeito do conhecimento de tais práticas sem pensar em um espaço para desenvolvê-las. Assim, conforme Martins (2004, p.1), “boa parte da vida do cidadão ele passa nos bancos escolares buscando se desenvolver como ser humano e obtendo conhecimento para mais tarde entrar no mercado de trabalho”. Como se pode perceber, compreende-se que a escola seja um *lócus* privilegiado para possibilitar o conhecimento sobre os mais diversos conteúdos relevantes para a vida dos cidadãos, dentre os quais, inserem os assuntos relacionados à educação financeira.

Martins (2004, p. 5) explica a falta de noções mínimas sobre Educação Financeira:

Uma criança [...], durante a educação básica, é obrigada a memorizar nomes e datas de pouca utilidade na vida real. Em pouco tempo tudo, ou quase tudo, é esquecido. Nesses anos, o aluno não estuda noções básicas de comércio, economia, finanças ou impostos. O sistema educacional ignora o assunto 'dinheiro', algo incompreensível, já que a alfabetização financeira é fundamental.

A Organização de Cooperação e de Desenvolvimento Econômico (OCDE, 2005) recomenda que a educação financeira aconteça também na escola e que comece desde cedo. No entanto, o órgão alerta que isto não significa que esta proposta vá substituir o papel que deve ser desempenhado por setores, como órgãos de defesa do consumidor ou sistemas reguladores de instituições financeiras.

A entrada da educação financeira nas escolas se justifica por diversas razões amplamente estudadas pelos países que já acumulam experiência na área. Entre essas razões se destacam os benefícios de se conhecer o universo financeiro e de se tomar decisões financeiras adequadas, que fortaleçam o comando autônomo da própria vida e, por extensão, do âmbito familiar e comunitário.

A educação financeira nas escolas se apresenta como uma estratégia fundamental para ajudar as pessoas a enfrentar seus desafios cotidianos e a realizar seus sonhos individuais e coletivos. Discentes e docentes financeiramente educados são mais autônomos em relação a suas finanças e menos suscetíveis a dívidas descontroladas, fraudes e situações comprometedoras que prejudiquem não só a própria qualidade de vida como a de outras pessoas. A educação financeira tem um papel fundamental ao desenvolver competências que permitem consumir, poupar e investir de forma responsável e consciente, propiciando uma base mais segura para o desenvolvimento do país. Tal desenvolvimento retorna para as pessoas sob a forma de serviços mais eficientes e eficazes por parte do Estado, numa relação saudável das partes com o todo.

Segundo Oliveira (2007) o educador, ao inserir uma metodologia de ensino diferenciada da maneira convencional, incluindo na explicação do conteúdo atividades que englobem a vivência dos alunos, estimula os mesmos a buscarem novos conhecimentos, tornando a aula mais atrativa e interativa, além de obter uma melhor relação entre professor e aluno. O conteúdo da matemática na escola deve estar correlacionado à vida cotidiana do aluno. A partir dos conteúdos da matemática financeira, verifica-se a oportunidade de desenvolver trabalhos relacionados dia a dia financeiro da sociedade, desde comparação de preços de eletrodomésticos até a contratação de um empréstimo no banco.

É papel da escola dar ao aluno condições para se inserir no meio social. É preciso atentar para a evolução do mundo e orientar o estudante para a vida. Em função das necessidades financeiras da família, com pais que passam o dia todo trabalhando, e também considerando a idade precoce das crianças que chegam à escola, torna-se mais importante o papel desta na formação do indivíduo facilitando sua inserção no meio social. Importante o papel desta na formação do indivíduo facilitando sua inserção no meio social. (OLIVEIRA, 2007, p. 09).

A escola deve auxiliar o indivíduo a trabalhar com educação financeira, pois, além de trabalhar a matemática, a educação financeira traz à sala de aula a interdisciplinaridade e a contextualização em um processo de construção do aluno como cidadão. A escola e a família devem preparar o aluno para trabalhar com a economia independente da classe social, e não deixar a cargo exclusivamente da escola. (PCN, 1998) A escola é fator importante na conscientização em torno do uso do dinheiro, e esse processo de conscientização deve ser realizado desde os primeiros passos do aluno na instituição escolar.

A educação financeira vem sendo foco de interesses de estudos, sob a ótica de diversos campos e vertentes, com base na concepção de que essa prática pode favorecer a formação de indivíduos mais responsáveis financeiramente.

Ao longo do trabalho buscou-se o desenvolvimento de um referencial teórico que embasasse a legitimidade da aplicação da matemática financeira na educação básica. O resultado foi à descoberta de um movimento muito grande da Educação financeira nas escolas.

Os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN), que apresentam função primordial para a Educação Básica, norteando a elaboração da proposta pedagógica, revelam como tema transversal “Trabalho e consumo”, recomendando-se que as intervenções pedagógicas devam ser voltadas para as atividades que englobam o cotidiano dos alunos. Os parâmetros esclarecem que é necessário “criar condições, nas escolas, que permitam aos nossos jovens ter acesso ao conjunto de conhecimentos socialmente elaborados e reconhecidos como necessários ao exercício da cidadania” (PCN, 1998, p. 5)

Nessa perspectiva compartilhamos a opinião de abranger a Educação financeira como facilitadora da concepção da realidade e da inserção do indivíduo na sociedade, como agente ativo de transformação do ambiente e consciente dos seus atos e escolhas, agindo com equilíbrio frente às relações de consumo. Contudo não basta adquirir conhecimentos básicos

sobre educação financeira, pois é necessário aguçar o senso crítico e pesar os fatos e oportunidades que as relações de consumo oferecem. De acordo com Resende (2013, p. 57):

Educar financeiramente nossos alunos vai muito além de ensinarmos algumas técnicas e fórmulas de Matemática Financeira. Acreditamos que tal assunto é muito importante, porém não é o suficiente para a Educação Financeira.

Desse modo, entende-se que a inclusão da educação financeira no currículo escolar das escolas brasileiras é de grande importância, uma vez que o aluno de hoje, futuro profissional de amanhã, precisa saber como administrar os ganhos do seu trabalho, pois dependendo da forma como ele faz essa administração, pode causar impactos na sua vida, da sua família e da comunidade em que ele está inserido.

Portanto, é na escola que o aluno deve aprender a lidar com essas questões, uma vez que, nesse ambiente, ele não obtém apenas conhecimentos cognitivos, mas também a capacidade de viver em sociedade. Por isso, concordamos com Martins quando afirma que:

A omissão da escola em relação a noções de comércio, de economia, de impostos e de finanças tem uma consequência perversa: a maioria das pessoas, quando adulta, continua ignorando esses assuntos e segue sem instrução financeira e sem habilidade para manejar dinheiro. As consequências se tornam mais graves se levarmos em conta que ninguém, qualquer que seja a profissão, está livre dos problemas ligados ao mundo do dinheiro e dos impostos. (MARTINS, 2004, p.56).

Assim, observa-se a importância da matemática financeira por estar presente na vida de todos os cidadãos. A educação financeira pode contribuir para a formação de cidadãos capazes de exercer sua cidadania, exigir que seu direito como cidadão e consumidor sejam respeitados, não esquecendo os seus deveres. Matemática financeira pode surgir como ferramenta importante nesse processo, pois faz parte do cotidiano dos educandos.

Nesse sentido a matemática financeira é brevemente abordada nos PCNs: Álgebra, números e funções, aponta que o caminho é atrelar o ensino de matemática financeira ao cotidiano dos alunos:

O primeiro tema ou eixo estruturador, Álgebra, na vivência cotidiana se apresenta com enorme importância enquanto linguagem, como na variedade de gráficos presentes diariamente nos noticiários e jornais, e também enquanto instrumento de cálculos de natureza financeira e prática, em geral. (BRASIL, 2000, PCN, p. 120).

Nesse contexto, não há como negar a importância do papel da Educação Básica na Educação Financeira dos cidadãos, visto que a cada dia o capitalismo cerca os indivíduos mais precocemente, necessitando-se educá-los, neste sentido, o mais breve possível.

Evidencia-se, portanto, a importância de iniciativas que abordem o desenvolvimento financeiro, seja ele em caráter pessoal ou coletivo. Com isso, releva-se a educação financeira na prática, em que os alunos terão a oportunidade de aplicar, no seu dia a dia, estratégias aprendidas em sala de aula e valorizar seus gastos, observando se esses são úteis, rentáveis e o que agregarão a sua vida.

No entanto, este papel da Educação Básica na formação de consumidores conscientes só será possível se o professor possuir formação adequada para transcender a prática pedagógica estanque que se vivencia na maioria das escolas brasileiras, tratando a Matemática Financeira de forma contextualizada, viva, dinâmica, tal como se apresenta diariamente no convívio dos alunos. Porém, o professor necessita de formação adequada nesta área, visto que a maioria dos cursos de Licenciatura em Matemática não inclui a Matemática Financeira em seus currículos, tornando a formação docente inicial lacunosa neste sentido e, por consequência, tornando a exploração pouco satisfatória acerca do tema em sala de aula. (OLIVEIRA, 2014)

O professor precisa desenvolver novas metodologias de ensino, no intuito de incentivar os alunos da Educação Básica, desafiando-os a resolver adequadamente os seus problemas diários, isto é, o professor precisa ter “visão do que vem a ser a matemática, do que constitui a atividade matemática, a aprendizagem da matemática e do que constitui um ambiente propício à aprendizagem da matemática” (D’AMBROSIO, 1993, p. 41), pois só assim conseguirá fazer com que seus alunos se interessem pelos conteúdos que está abordando.

Baseado no objetivo desse artigo de analisar a inserção da educação financeira na educação básica entende-se que o processo, inicia-se com a produção de significados: O que é dinheiro? Para que serve? Como consegui-lo. Entendendo o que é receita/despesa, salários e dívidas, mesada, orçamento pessoal e orçamento familiar. Deve levar-se em conta a de acordo com a realidade da escola e do perfil dos educandos. Assim como as competências e conceitos

relacionados, buscando formar cidadãos para cidadania, para exercer direitos e deveres de forma ética e responsável, desenvolvendo assim o consumo responsável, consciente e sustentável.

De acordo com os PCNs (1998)

A organização dos conteúdos em torno de projetos, como forma de desenvolver atividades de ensino e aprendizagem, favorece a compreensão da multiplicidade de aspectos que compõem a realidade, uma vez que permite a articulação de contribuições de diversos campos de conhecimento. Esse tipo de organização permite que se dê relevância às questões dos Temas Transversais, pois os projetos podem se desenvolver em torno deles e ser direcionados para metas objetivas ou para a produção de algo específico (como um jornal, por exemplo). Professor e alunos compartilham os objetivos do trabalho e os conteúdos são organizados em torno de uma ou mais questões. Uma vez definido o aspecto específico de um tema, os alunos têm a possibilidade de aplicar os conhecimentos que já possuem sobre o assunto; buscar novas informações e utilizar os conhecimentos e os recursos oferecidos pelas diversas áreas para dar um sentido amplo à questão (Brasil, PCN, p. 38).

Utilizar a interdisciplinaridade em que o tema Educação Financeira apareça de forma transversal, envolvendo a situação cotidiana dos alunos, da escola e/ou das famílias.

Nas aulas de Matemática podem ser desenvolvidos assuntos ligados ao interesse das crianças; trabalhar com preços, panfletos, publicidade, anúncios de produtos infantis; propor exercícios de acúmulo, projeção, troca, comparação; utilizar moedas em substituição ao material dourado em alguns exercícios; trabalhar com adição, subtração, divisão, fração e multiplicação de valores; trabalhar medidas de grandeza, tempo, custo e preço; crediário ou uso do cartão de crédito; empréstimos e investimentos em fundos bancários que tem como cálculo e base a taxa de juros (OLIVEIRA, 2014). Segundo os PCN no ensino da Matemática:

Destacam-se dois aspectos básicos: um consiste em relacionar observações do mundo real com representações (esquemas, tabelas, figuras); outro consiste em relacionar essas representações com princípios e conceitos matemáticos. (PCN, 1998, p. 19).



A meta do Ensino Fundamental é o desenvolvimento integral do educando por meio do desenvolvimento harmônico de todas as suas potencialidades, proporcionando-lhe o ajustamento ao meio físico e social. Desenvolver conteúdos conceituais, procedimentais e atitudinais de forma integrada e interdisciplinar, promovendo uma aprendizagem significativa e a formação de indivíduos mais atentos à realidade que os cerca, com consciência cidadã e atitudes e valores sólidos para fazer a diferença no desenvolvimento sustentável do planeta, ou seja, sabendo como suprir suas necessidades, sem comprometer o futuro das próximas gerações.

Ensinar matemática é desenvolver o raciocínio lógico, estimular o pensamento independente, a criatividade e a capacidade de resolver problemas. “Nós, como educadores matemáticos, devemos procurar alternativas para aumentar a motivação para a aprendizagem, desenvolver a autoconfiança, a organização, a concentração, estimulando a socialização e aumentando as interações do indivíduo com outras pessoas” (Oliveira, 2007, p. 5).

Portanto, cabe aos professores orientar financeiramente crianças, jovens e adultos a serem mais racionais e menos consumistas no campo das finanças, a Matemática, nesta perspectiva, surge com o papel e responsabilidade de atuar como instrumento transformador para o desenvolvimento do ser na sociedade.

### **3. CONSIDERAÇÕES FINAIS**

De modo geral, a aprendizagem da Matemática na Educação Básica baseia-se num processo mecânico que prioriza a transmissão acrítica dos conteúdos, tendo como eixo central o professor, fato que torna o aluno mero receptor, o qual deve apenas reproduzir aquilo que o professor ensina. Esta prática vem se reiterando ao longo do tempo e acaba inviabilizando a formação crítica dos alunos. No que diz respeito à matemática financeira, a situação não foge à regra apontada acima, embora seus conteúdos sejam um dos mais usados na vida cotidiana dos alunos.

Assim, a escola é responsável em preparar o indivíduo para o mercado de trabalho e também em prepará-lo para o exercício da cidadania, acredita-se com este artigo estar contribuindo para que o aluno relacione a matemática com a sua prática diária, além de conhecer os conceitos referentes ao mundo financeiro, como a inflação, que eles usarão em suas vidas e poderão também transmitir para a sua família.

Fica evidente que a formação, do professor deve contribuir com práticas significativas e conscientes que relacionem a teoria com a prática, melhorando assim o desempenho de suas aulas.

Portanto, considera-se que, para que o processo de ensino aprendizagem possa ocorrer de forma em que todos sejam envolvidos no aprendizado da matemática financeira, é preciso que o professor lance mão de estratégias metodológicas que envolvam os alunos de forma ativa na construção do conhecimento, sem desconsiderar os conhecimentos historicamente acumulados pelos alunos, relacionando a matemática financeira com as várias outras disciplinas de forma interdisciplinar, possibilitando que a abstração e o entendimento de determinados conceitos matemáticos sejam compreendidos pelos alunos.

#### 4. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais**. Brasília: MEC/SEF, 1998. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/introducao.pdf>. Acesso em: 29 nov. 2023.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Matemática**. Brasília: MEC/SEF, 1998. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/matematica.pdf>. Acesso em 29 nov. 2023

D'AMBROSIO, B. Formação de Professores de Matemática para o Século XXI: o grande desafio Proposições, Faculdade de Educação – Unicamp - **Pro-Posições** - v. 4, n. 1, Campinas. 1993. Disponível em: <https://www.fe.unicamp.br/lancamentos/pro-posicoes-v-4-n-1-10-1993>. Acesso em: 29 nov. 2023

MARTINS, José P. **Educação Financeira ao alcance de todos**: adquirindo conhecimentos financeiros em linguagem simples. São Paulo: Fundamento Educacional, 2004.

OCDE. Organização de Cooperação e de Desenvolvimento Econômico. **The Importance of Financial Education**. (2005) Disponível em: <https://www.oecd.org/daf/fin/financial-education/%5BPT%5D%20Recomenda%C3%A7%C3%A3o%20Princ%C3%ADpios%20de%20Educa%C3%A7%C3%A3o%20Financeira%202005%20.pdf>. Acesso em 29 nov. 2023.

OLIVEIRA, Roger S. O. **Educação financeira em sala de aula na perspectiva da etnomatemática**. 2007. 46 f. Tese (Doutorado) - Curso de Pedagogia, Unesp, Bauru, 2007. Disponível em: <https://repositorio.ufpb.br/jspui/bitstream/123456789/782/1/FSS23092014.pdf>. Acesso em 29 nov. 2023.

OLIVEIRA, Heloisa H. de. **Educai as crianças e não será preciso punir os homens**. Congresso em Foco UOL, 2014. Disponível em: <https://congressoemfoco.uol.com.br/temas/educacao/%E2%80%9Ceducai-as-criancas-e-nao-sera-preciso-punir-os-homens%E2%80%9D/>. Acesso em: 29 nov. 2023.

RESENDE, Amanda F. de. **A Educação Financeira na Educação de Jovens e Adultos**: uma Leitura da produção de significados financeiro-econômicos de dois indivíduos-consumidores. 2013, 164. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal de Juiz de

Fora, Migas Gerais. Disponível em: <https://www2.ufff.br/mestradoedumat/wp-content/uploads/sites/134/2011/05/DISSERTA%C3%87%C3%83O-AMANDA-FABRI-DE-RESENDE.pdf>. Acesso em 29 nov. 2023.

SAITO, André T. **Uma contribuição ao desenvolvimento da educação em finanças pessoais no Brasil**. 2007, 152. Dissertação de Mestrado. Universidade de São Paulo, São Paulo. Disponível em: <https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/12/12139/tde-28012008-141149/pt-br.php>. Acesso em 29 nov. 2023.

## AS MÚLTIPLAS INTELIGÊNCIAS NA SOCIEDADE CONTEMPORANEA

### The Multiple Intelligences in Contemporary Society

SANTOS, Rosenildo Modesto<sup>3</sup>

VERNIZZI, Mário Alberto Zambrana<sup>4</sup>

#### RESUMO

O artigo explora o impacto das múltiplas inteligências na sociedade atual, enfatizando como elas podem promover o pensamento crítico, habilidades e competências para lidar com a constante evolução do conhecimento. Isso é essencial para tomar decisões confiáveis e ganhar vantagem competitiva em um mundo de mudanças rápidas. O contexto atual exige atualização constante de informações, tecnologia e práticas educacionais, levando a mudanças em todos os setores. Os objetivos do trabalho incluem destacar as múltiplas inteligências como um modelo de aprendizado que busca democratizar o ensino e oferecer aspectos teóricos e práticos para melhorar a apropriação da informação por meio da educação, comunicação e cultura digital. Para coletar dados, o método exploratório descritivo foi utilizado, juntamente com a análise de conteúdo como metodologia. O estudo baseou-se em referências teóricas qualitativas e exploratórias, incluindo livros e artigos científicos online. Em resumo, o artigo enfatiza a importância da aquisição constante de novos conhecimentos nas tendências contemporâneas.

**Palavras-chave:** Múltiplas inteligências; Transformação; Conhecimento.

#### ABSTRACT

This article explores the impact of multiple intelligences in contemporary society, emphasizing how they can foster critical thinking, skills, and competencies to deal with the constant evolution of knowledge. This is essential for making reliable decisions and gaining a competitive edge in a rapidly changing world. The current context demands constant updating of information, technology, and educational practices, leading to changes in all sectors. The objectives of this work include highlighting multiple intelligences as a learning model that seeks to democratize education and providing theoretical and practical aspects to enhance the appropriation of information through education, communication, and digital culture. To gather data, the exploratory descriptive method was used, along with content analysis as the methodology. The study was based on qualitative and exploratory theoretical references, including books and scientific articles online. In summary, the article emphasizes the importance of constant acquisition of new knowledge in contemporary trends.

**Keywords:** Multiple intelligences, Transformation, Knowledge.

---

<sup>3</sup> prof.rosenildosantos@drummond.com.br; Mestre; Colégio João XXIII e Centro Paula Souza.

<sup>4</sup> prof.mariovernizzi@drummond.com.br; Mestre; UniDrummond e PUC-SP.

**Como citar este artigo:**

SANTOS, Rosenildo Modesto; VERNIZZI, Mário Alberto Zambrana. As múltiplas inteligências na sociedade contemporânea. **Revista Acadêmica Drummond – ReAD**. São Paulo. 2023. Disponível em: (colar link desta edição). Acesso em: (dia mês ano – exemplo: 03 ago. 2023.)

## 1. INTRODUÇÃO

A preocupação com a educação tem sido tema de várias pesquisas e de inúmeros trabalhos publicados por educadores, psicólogos, filósofos e estudiosos na área. Segundo os teóricos o mundo passa por uma transição, tendo desdobramentos nos âmbitos econômicos, sociais e políticos. Diante da rapidez de mudanças e da alta competitividade no atual cenário organizacional, novas abordagens e estratégias tem surgido nos últimos anos. Possuindo como foco central, a geração de aprendizados organizacionais e a gestão do conhecimento. Logo as organizações começam a desenvolver o incentivo à criatividade e o cultivo de novas ideias que permitem a renovação de conceitos existentes, surgindo assim à necessidade de ambientes de aprendizagem. Esses ambientes são colocados à disposição para a participação de todos e que servem para a identificação de oportunidades, possibilidades e limites organizacional, dentro de um processo de aprendizagem contínuo.

O objetivo desse estudo é discutir e refletir sobre a importância do desenvolvimento de novas habilidades e competências para aprender e ensinar em uma sociedade contemporânea que vivencia cada vez mais a era da informação e comunicação. Identificando uma sociedade do conhecimento baseada no compartilhamento de recursos, na construção coletiva, requisito para se chegar a um bem comum para todos. Utilizou-se o método exploratório descritivo, aplicando-se a metodologia da análise de conteúdo tornando nosso trabalho bastante relevante. Realizamos um estudo bibliográfico com base nos referenciais teóricos de forma qualitativa que poderá contribuir para o pensamento crítico e reflexivo da pesquisa. Os procedimentos metodológicos apresentam-se mediante a pesquisa bibliográfica, que é um método sistemático de revisão de literatura, envolvendo a identificação, análise e síntese de trabalhos já publicados sobre o tema específico, com a finalidade de colocar o pesquisador em contato direto com tudo o que foi escrito, centramo-nos na compreensão e constatação de um fenômeno presente no dia a dia. Os relatos utilizados foram: Múltiplas inteligências, Transformação Conhecimento, tornando-se assim palavras chaves para o nosso estudo. Tendo como material de pesquisa artigos retirados dos bancos de dados da SCIELO (*Scientific Eletronic Library Online*) apresentados e publicados até 2019. Os critérios de exclusão foram artigos que não se enquadram no tema mesmo possuindo palavras-chaves.

## 2. DESENVOLVIMENTO

Tendo como principal idealizador Howard Gardner, a Teoria das Inteligências Múltiplas, ampliou os estudos cognitivos da inteligência humana ao focar na capacidade de solucionar problemas ou elaborar produtos que são importantes em um determinado ambiente ou comunidade cultural. Gardner aponta que “as pessoas adquirem conhecimento de maneiras diferentes e que têm experiência em cada uma das nove inteligências” (GARDNER, 2006). Para Schwab:

Essa nova fase será impulsionada por um conjunto de tecnologias disruptiva como robótica, inteligência artificial, realidade virtual aumentada, big data (análise de volumes massivos de dados), nanotecnologia, impressão 3D, biologia sintética e a chamada internet das coisas, onde cada vez mais dispositivos equipamentos e objetos serão conectados uns aos outros por meio. (SCHWAB, 2016, p. 41)

Segundo (KUHN, 1982, p. 7) “as novas mudanças na tecnologia residem no fato de que não há construção do conhecimento científico sem que se destruam os paradigmas já estabelecidos, visando à ‘articulação’ desses já existentes”. O estudo da origem da ciência conduz à mudança de paradigmas desta, indicando sua reorganização, modificando princípios, reconstruindo teorias e métodos, originando um mundo diferente, “como se a comunidade profissional tivesse sido subitamente transportada para um novo planeta” (KUHN, 1982, p.147). De acordo com Chiavenato (1999, p. 320), “Dizer que estamos em uma época de mudanças e de instabilidade parece até redundância ou afirmação prosaica”. Contudo o que importa é que à medida que o ambiente se torna mais, instável e turbulento, que é o que acontece com o mundo de hoje, maior a necessidade de opções para solução de problemas e situações que se alteram e se diferenciam de maneira crescentemente diversa. (CHIAVENATO, 1999, p. 320).

Sabe-se que o ser humano em sua natureza aprende de várias formas. Na teoria das múltiplas inteligências muitos educadores sabem que diferentes alunos aprendem de muitas maneiras diferentes. Gardner diz que as pessoas adquirem conhecimento de maneiras diferentes e que têm experiência em cada uma das nove inteligências (GARDNER, 2006 p. 45). Gardner identificou nove tipos de inteligências, são elas: Verbal-Linguística; Logico-Matemática; Musical; Visual-Espacial; Corporal-Cenestésica; Interpessoal; Naturalista e Existencial. O desenvolvimento de cada uma dessas inteligências se baseia em aspectos biológicos e na interação do indivíduo com o meio. A construção de aprendizados tende a variar de indivíduo para indivíduo, pois os diversos tipos de inteligências

assumem capacidades e desempenhos diferentes. De tal forma que o surgimento de músicos, poetas, atletas, engenheiros e políticos se apresentam com habilidades e competências distintas. Mas qual a importância dessa teoria para um ambiente organizacional?

A Teoria das Inteligências Múltiplas é importante para mapear as habilidades individuais de cada indivíduo, de cada educando, de cada funcionário, tornando-se possível identificar as potencialidades e limitações de cada um para formação de grupos estratégicos, visando melhorar a eficácia e o desenvolvimento do ser humano e de qualquer organização. A teoria das inteligências múltiplas de modo geral visa a compreensão atual do cérebro humano. Tendo em vista Gardner, as mesmas ideias que inspiraram o desenvolvimento do computador também trouxeram uma reviravolta quanto ao nosso entendimento da aprendizagem e do ensino. Ao que se refere a teoria comportamental, o modo de aprendizagem é através de uma série de reforços sequenciais. Muitos programas de computador dão opinião imediata para seus usuários. Ele compara o cérebro humano com o computador, porque ambos podem armazenar, manipular informações, e usar símbolos, e resolver problemas complexos (WEISS, 2000).

A implementação da gestão do conhecimento cria uma vantagem sustentável, pois está enraizada nas pessoas que trabalham numa organização e não em recursos físicos. Com a valorização do conhecimento a tomada de decisão eficaz cria oportunidades efetivas de desenvolvimento que podem ser de forma individual, coletivo e corporativo, interferindo na sociedade contemporânea criando cenários de aperfeiçoamento adotando posturas modernas constituindo padrões universais. Para Lèvy (1997) as relações construídas interativamente propiciam uma espécie de articulação que não se limita ao simples armazenamento, transformação e transmissão de dados e informações, mas permitem a emergência de ricas experiências de aprendizagem articulando a viabilidade da transformação da informação em conhecimento.

Ao se referir às múltiplas inteligências, Gardner (1999) traz a discussão sobre a diversidade de perfis intelectuais e as múltiplas formas de conhecer. E dessa forma, fundamentados em sua perspectiva teórica, que enxergamos individualmente cada interagente como singulares, possuidores de perfis de inteligência específicos, apresentando uma combinação única de inteligência. Na visão de Gardner (2006 p. 59), graças à evolução, cada um de nós é equipado com estes potenciais intelectuais, que podemos mobilizar e conectar segundo nossas próprias inclinações e as preferências de nossa cultura. Contudo, o valor maior ou menor que as sociedades emprestam a uma ou a outra inteligência, se subordina à cultura inerente ao tempo e ao local em que se vive. Evidenciando diferenças individuais e entre grupos distintos.

E isso se mostra justamente pela multiplicidade de condições biológicas dos indivíduos, dos valores culturais com os quais estão envolvidos e das oportunidades e experiências que lhes foram disponibilizadas na sociedade. Que nenhum iniciante possui exatamente a mesma combinação, sendo cada um uma combinação única de inteligências, que funcionam conjuntamente, de maneira singular e interagindo entre si. De fato, a tecnologia deixou a comunicação bem mais rápida e acessível. Segundo Tedesco, (2004) não se trata, apenas, de proporcionar educação na nova sociedade do conhecimento, mas também para essa sociedade. A sociedade rápida e conectada a que estamos chegando exige uma nova ênfase na capacitação necessária para adaptar-se e responder às mudanças, para tratar com fluxos de informação ágeis e crescentes.

Ao lado da alfabetização e do conhecimento dos números, todos os indivíduos precisarão estar habilitados a resolver problemas, praticando a análise e a avaliação. Estes serão os novos fundamentos, essenciais para lidar com a taxa acelerada de acumulação do conhecimento. Trata-se, portanto, de proporcionar uma educação que habilite as pessoas a adaptar-se à sociedade do conhecimento (TEDESCO, 2004 p. 89).

Mas o conceito de universalização deve abranger também o de democratização, pois não se trata tão somente de tornar disponíveis os meios de acesso e de capacitar os indivíduos para tornarem-se usuários dos serviços de internet. Trata-se, sobretudo, de permitir que as pessoas atuem como provedores ativos dos conteúdos que circulam na rede. Neste sentido, é imprescindível promover a alfabetização digital, que proporcione a aquisição de habilidades básicas para o uso de computadores e da internet. E que se capacite as pessoas para a utilização dessas mídias em favor de interesses e necessidades individuais e comunitários, com responsabilidade e senso de cidadania (TAKAHASHI, 2000). Para Moran:

Ensinar e aprender “estão sendo desafiados como nunca antes. Há informações demais, múltiplas fontes, visões diferentes de mundo. Educar hoje é mais complexo porque a sociedade também é mais complexa e também o são as competências necessárias. É de suma importância repensar o ensino e a inserção efetiva da tecnologia no processo educativo, em especial considerando a escola como espaço privilegiado para a formação crítica” (MORAN, 2000, p. 245-253)

De acordo com Takahashi (2000) o mundo contemporâneo estabelece ao mesmo tempo um desafio e uma oportunidade ao mundo da educação. É necessário, entretanto, que a discussão sobre o uso de tecnologias no pro-



cesso educativo parta do pressuposto de que as TIC sozinhas, não se estabelecem como solução para os problemas da educação, nem que a mudança educacional será conduzida pelas novas tecnologias da informação e da comunicação. O simples acesso à informação não é garantia de produção de conhecimento e, muito menos, aprendizagem. A educação de qualidade não será construída por meio de ferramentas de última geração, internet de alta velocidade ou ambientes virtuais de aprendizagem, mas através dos atores sociais que participam de sua edificação.

Segundo Takahashi:

Fomentar a universalização de serviços significa, portanto, conceber soluções e promover ações que envolvam desde a ampliação e melhoria da infraestrutura de acesso até a formação do cidadão, para que este, informado e consciente, possa utilizar os serviços disponíveis na rede. (TAKAHASHI, 2000, p. 31)

Para Gardner (2006) o desenvolvimento das inteligências tem suas origens tanto na genética quanto no meio social. Dessa forma, algumas dessas inteligências se sobressaem por influência do meio e da cultura, e outras se “atrofiam” também pelo mesmo motivo. Esse novo paradigma prevê uma revolução nas tecnologias da informação e do conhecimento, nos sistemas de controle, na revolução da telefonia, nas redes e circuitos integrados, no recurso aos satélites de telecomunicações, que reduzem os custos de armazenamento, processamento, comunicação e disseminação, de informações possíveis entre agentes, individuais e coletivos. (SCHWAB, 2017)

O desafio para a sociedade contemporânea, que não pode ser deixado de lado, é o das inteligências múltiplas, principalmente as inteligências artificiais, Com isso indústria 4.0 cria sistemas físicos e cibernéticos, abrindo um campo totalmente novo, de muitas oportunidades e de alguns riscos também. Nesta revolução, o mundo físico das indústrias se funde com o mundo virtual e conceitos como a internet das coisas, *Big Data*, robôs colaborativos, sensores, *cloud computing*, comunicação máquina a máquina, impressão 3D, entre outros conceitos da era digital, estão chegando ao chão de fábrica. Para exemplificar essa nova revolução analisaremos alguns deles: a Inteligência artificial, a internet das coisas e a Revolução 4.0.

Segundo Harata:

A Transformação Digital é o processo por meio do qual as organizações utilizam a tecnologia para aumentar o seu alcance, melho-

rar o seu desempenho e garantir resultados cada vez melhores. É uma mudança estrutural nas empresas que passam a considerar a tecnologia como um ativo essencial para a manutenção do modelo de negócio. (HARATA, 2017, p. 78)

Portanto, existe a necessidade de múltiplas competências dentro da área do conhecimento que o jovem cidadão deverá adquirir. E para que isso se torne possível deverá haver um currículo que promova competências para a prática educativa, a fim de que as escolas possam tornar-se aptas a preparar seus alunos e professores para esse novo tempo, tendo a escola como espaço de cultura e de articulação de competências e conteúdos disciplinares.

Para Perrenoud (2000) a ideia de competências tem três ingredientes básicos. Primeiro: relaciona-se diretamente à ideia de pessoa. Você não pode dizer que um computador é competente; competente é o seu usuário, ou seja, uma pessoa. Segundo: a competência vincula-se à ideia de mobilização, ou seja, a capacidade de se mobilizar, o que se sabe para realizar o que se busca. É um saber em ação. Aliás, da má compreensão deste aspecto vem outra crítica, a de competência como mero saber fazer algo. Agir é mais do que fazer. Um conceito de competência pode ser apresentado como o conjunto de conhecimentos, habilidades e atitudes demonstrados pela pessoa na realização de uma tarefa. Logo dizemos que somos competentes numa atividade quando esse conjunto de comportamentos apresentados resulta no sucesso para a realização daquela atividade. Na visão de Feenberg (1991) hoje empregamos tecnologias específicas com limitações devidas não somente ao estado de nosso conhecimento, mas também às estruturas de poder e a suas aplicações. Essa tecnologia contemporânea favorece setores específicos e obstrui outros. A maior repercussão dessa abordagem da tecnologia envolve os limites éticos dos códigos técnicos elaborados sob a regra da autonomia operacional.

O mais importante para a democratização da tecnologia, nesse contexto, é encontrar maneiras novas de se promover valores excluídos e de realizá-los em arranjos técnicos que privilegiem a inclusão social. Somos alertados, muito frequentemente, sobre essa necessidade pelos efeitos colaterais ameaçadores do avanço tecnológico. Com as mudanças econômicas, tecnológicas, políticas e sociais houve uma alteração da estrutura e valores da sociedade. Nessa nova era, o conhecimento passou a ter uma importância fundamental em todas as áreas. a grande questão ou problema consiste em saber como identificar mensurar e disseminar o conhecimento gerado. Sabe-se que existe a consciência de continuar com estudos e definições a fim de tornar o conhecimento uma ferramenta cada vez mais eficaz. (FEENBERG, 1991). Portanto com esse ali-

nhamento teórico entre as contribuições da teoria das inteligências múltiplas de Howard Gardner e sua relação com a prática entendemos que a gestão do conhecimento sob as perspectivas epistemológicas torna-se preciso reinventar o jeito tradicional de gerir conhecimentos, desaprendendo para aprender de forma dinâmica transformando o conhecimento em algo ativo tornando necessário conhecer as bases filosóficas do conhecimento humano.

A Teoria das Múltiplas Inteligências reconhece que a construção de conhecimentos se forma pelo favorecimento do aspecto cultural e contextual de cada ambiente migrando da perspectiva individual – cognitiva proposta pelos modelos estruturais do conhecimento, em que aprendizagem não se situa apenas na mente das pessoas, mas principalmente, nas relações sociais entre indivíduos, engajados em processos culturais visando construir ou potencializar novos conhecimentos (GARDNER, 2000). Com essa visão de ambiente competitivo, onde a rápida globalização da economia e das melhorias nos sistemas de comunicação a teoria das múltiplas inteligências tornou-se uma abordagem onde podemos identificar formas particulares de aprendizagem, utilizando estratégias para potencializar as habilidades e as inteligências dos indivíduos. Ampliar o conceito de inteligências por meio da diversidade de estruturas cognitivas, sugerindo que a mente humana não é como uma lousa em branco que absorve pacificamente todos os tipos de informação é muito difícil. Por outro lado, considerar como uma estrutura inicial e com diversos sistemas representativos que ao serem ativados, são capazes de construir novos conhecimentos torna-se possível.

Na atualidade, a gestão do conhecimento se tornou um fator de capacidade como base de tomada de decisão. O direcionamento das organizações vem sendo dado através de alinhamento estratégicos entre componentes intangíveis e pessoas com objetivos direcionados ao alcance das metas. O conceito de como gerenciar o elemento humano na busca da evolução do conhecimento, salientando que quanto mais se aprende, mas se tem conhecimento da própria ignorância

Segundo as reflexões de Edgar Morin (2001), que critica a razão produtivista e a racionalização modernas, propondo uma lógica do vivente. Esses paradigmas sustentam um princípio unificador do saber e do conhecimento que estão em torno do ser humano. Valorizando o seu cotidiano vivido, o pessoal, a singularidade, o entorno, o acaso e outras categorias, tais como: decisão, projeto, ruído, ambiguidade, finitude, escolha, síntese, vínculo e totalidade. Na busca de conhecimentos que possibilitam eliminar o risco do erro, poder-se-ia considerar a repressão de manifestações de afetividade, mas chegou-se à conclusão de que a afetividade pode fortalecer o conhecimento. Embora o desenvolvimento do conhecimento científico seja necessário para detectar os erros e as ilusões, é de fundamental importância reconhecer e eliminar as ilusões que advêm das teorias científicas.

Hoje, o importante na formação do trabalhador, é saber trabalhar coletivamente, ter iniciativa, gostar do risco, ter intuição, saber comunicar-se, saber resolver conflitos, ter estabilidade emocional. Essas são, acima de tudo, competências humanas que se manifestam nas relações interpessoais mantidas no trabalho, ou seja, a flexibilidade é essencial. Assim, todo conhecimento do mundo perde seu valor, se não estiver a serviço da inteligência, ou seja, dos projetos sociais das pessoas e da sociedade. Através da educação é possível transformar pessoas e sociedades.

Portanto, o conhecimento adquirido na era da informação e comunicação abre as possibilidades de mediar às relações e construções e, como ser humano, envolvida num processo muito maior que se expande além da sala de aula que é aprender a ensinar e ensinar a aprender, com o uso de novas tecnologias. Nesse sentido, é necessário um planejamento educacional que leve em conta as necessidades individuais, pois cada um possui uma forma de aprendizagem e seu modo de processar as informações recebidas. O que Gardner (1999) vem propor a partir de todas essas constatações é a ampliação do conceito de inteligências múltiplas, bem como possibilidades para que elas se desenvolvam. Os novos paradigmas consideram que os indivíduos devem ser preparados para conviver numa sociedade em constantes mudanças, assim como devem ser os construtores dos seus conhecimentos, ou seja, serem sujeitos ativos desse processo. Logo a cognição humana deve se desenvolver na sua totalidade, precisam abarcar competências que normalmente são desconsideradas. Um sistema educacional que se propõe aberto deverá privilegiar a obtenção e organização do conhecimento para possibilitar a visão global do indivíduo valorizando a inovação e a descoberta como etapas fundamentais do desenvolvimento.

### **3. CONSIDERAÇÕES FINAIS**

O objetivo do nosso estudo foi de refletir como as múltiplas inteligências podem transformar conhecimento na sociedade contemporânea. Percebe-se que a cada dia surgem novos modelos com novas tecnologias e recursos e é notório a urgência de adquirir conhecimentos para lidar com a Inteligência Artificial, internet das coisas e a Indústria 4.0. Sem dúvida, esse tema é demasiadamente vasto. A propagação do conhecimento por si só não é suficiente. No entanto, podemos dizer que esse trabalho nos confirma vários aspectos colocados pelos teóricos aqui estudados, cada ser humano é único apresentando suas características e diferenças, e essa diversidade de estilos que caracteriza as várias inteligências. Portanto, a necessidade do desenvolvimento pertinentes as novas inteligências bem como novas formas de pensar, de agir, e de comunicar-se, logo temos que reaprender, na sociedade contemporânea, integrar o humano e o tecnológico, que gera saberes e conhecimentos científicos. Com a tecnologia abriu-se um leque de possibilidades, além de ampliar o acesso a novas informações e conhecimentos.

#### 4. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- FEENBERG, A. *Critical theory of technology*. New York: Oxford University Press, 1991.
- Revista Pro-posições**, Unicamp, vol. 18, nº 1. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/proposic/article/view/8643578>. Acesso em: 29 nov. 2023.
- GARDNER, H. **Arte, mente e cérebro: uma abordagem cognitiva da criatividade**. (Costa, S., Trad.). Porto Alegre: Artmed Editora, 1999.
- GARDNER, H. **Estruturas da mente: a teoria das Inteligências Múltiplas**. (Costa, S. Trad.). 2a Ed. Porto Alegre: Artmed Editora, 2000.
- GARDNER, H.; WALTERS, J. **Uma versão aperfeiçoada**. In: **GARDNER, H. Inteligências múltiplas: a teoria na prática**. Porto Alegre: Artmed, 2006, p. 12-36. Disponível em: <https://periodicos.set.edu.br/index.php/fitshumanas/article/view/4218.pdf>. Acesso em: 29 nov. 2023.
- HARADA, Eduardo. **Entenda a Transformação Digital que está mudando os modelos de negócios**. Disponível em: <https://www.tecmundo.com.br/mercado/123951-entenda-transformacao-digital-mudando-modelos-negocios.htm>. Acesso em: 29 nov. 2023.
- MORIN, Edgar. **Os Sete Saberes Necessários à Educação do Futuro**. 3ª ed. São Paulo: Cortez, Brasília, 2001.
- PERRENOUD, Philippe. **Construir as competências desde a escola**, Porto Alegre, Artes Médicas, 2000.
- SCHWAB, Klaus. **A quarta revolução industrial**. Tradução de Daniel Moreira Miranda. São Paulo: Edipro, 2016. Disponível em: <https://vestibular.uol.com.br/resumo-das-disciplinas/atualidades/tecnologia-o-que-e-a-4-revolucao-industrial.htm?cmpid>. Acesso em: 29 nov. 2023.
- TAKAHASHI, Tadao (org.). **Sociedade da Informação no Brasil-Livro Verde**. Brasília: Ministério da Ciência e Tecnologia, 2000. Disponível: <http://usuarios.upf.br/~teixeira/livros/computador-sociedade-conhecimento.pdf>. Acesso em: 29 nov. 2023.
- TEDESCO, Juan Carlos (org), **Educação e novas tecnologias: Esperanças ou incertezas?** São Paulo, Cortez., 2004
- WEISS, M. L. L. **Psicopedagogia Clínica**. Rio de Janeiro: DP&A, 2000. Disponível em: <https://meuartigo.brasile scola.uol.com.br/educacao/um-olhar-psicopedagogico-para-os-cursos-formacao-professores.htm>. Acesso em: 29 nov. 2023.

## EMPREENDEDORISMO FEMININO – PILAR FORTE DA NOSSA ECONOMIA

### Female Entrepreneurship – Strong Pillar Of Our Economy

ROCHA, Caroline Lima<sup>5</sup>

SOUZA, Erika Andrade de<sup>6</sup>

FONTES, José Alisson Lima<sup>7</sup>

RIBEIRO, Taina das Graças Silva<sup>8</sup>

MACHADO, Thiago Pereira<sup>9</sup>

RISCHIONI, Giuseppina Adele (Orientadora)<sup>10</sup>

#### RESUMO

O presente artigo objetiva compreender o empreendedorismo feminino como pilar importante no impacto socioeconômico brasileiro diante dos obstáculos, barreiras, desafios e limitações, que agem de modo contíguo, medindo esforços com as ações das organizações concebidas por mulheres. Através de pesquisas bibliográficas, webgráficas, documentais e a realização de uma pesquisa de campo quantitativa, foi possível estudar a força de trabalho, seu impacto e quais instrumentos a sociedade possui para apoiar os empreendimentos femininos, proporcionando o sucesso deles. Enfim, é notável o crescimento e importância da participação efetiva das mulheres, entretanto, é preciso ampliar as discussões e posicionamentos do papel da mulher empreendedora no mundo dos negócios, para que possamos desenvolver um ambiente empresarial diversificado, inovador e progressivo.

**Palavras-chave:** Empreendedorismo. Feminino. Mulheres.

#### ABSTRACT

This article aims to understand female entrepreneurship, as an important pillar in the Brazilian socioeconomic impact, in front of obstacles, barriers, challenges and limitations, which act in a contiguous way, measuring efforts with the actions of organizations created by women. Through bibliographical, webgraphic and documentary research and carrying out quantitative field research, it was possible to study the workforce, its impact and what instruments society has to support women's enterprises, ensuring their success. Finally, the growth and importance of women's effective participation is notable, however, it is necessary to expand discussions and positions on the role of women entrepreneurs in the business world, so that we can develop a diverse, innovative and progressive business environment.

**Keywords:** Entrepreneurship. Feminine. Women.

---

<sup>5</sup> carolinelimar.cl@gmail.com; cursando Administração no UniDrummond.

<sup>6</sup> erikasouza038@gmail.com; cursando Administração no UniDrummond.

<sup>7</sup> Flj\_alisson@hotmail.com; cursando Administração no UniDrummond.

<sup>8</sup> stainadasgracas@yahoo.com; cursando Administração no UniDrummond.

<sup>9</sup> thiagorkjmachado@gmail.com; cursando Administração no UniDrummond.

<sup>10</sup> giuseppinaadele@uol.com.br; cursando Administração no UniDrummond.

**Como citar este artigo:**

ROCHA, Caroline Lima *et al.* Empreendedorismo feminino – pilar forte da nossa economia. **Revista Acadêmica Drummond – ReAD**. São Paulo. 2023. Disponível em: (colar link desta edição). Acesso em: (dia mês ano – exemplo: 03 ago. 2023.)

## 1. INTRODUÇÃO

Em meio a tantas evoluções, destaca-se o papel da figura feminina na sociedade, que hoje expande sua participação na criação e gestão de negócios, indo além dos tradicionais e em sua maioria, exaltantes papéis exercidos como a maternidade, relação conjugal, os cuidados com a casa, questões relacionadas à saúde (física e mental), educação de filhos e alimentação da família. Percebe-se que a mulher, sobretudo a brasileira, tenta equilibrar todas essas responsabilidades com o autocuidado físico, mental e espiritual. É importante ressaltar que elas precisam ultrapassar cenários sociais, como a falta de oportunidades no emprego formal, crises, preconceitos e estigmas, empenhando maior esforço do que os homens.

Este artigo tomou como fio condutor as seguintes questões: Quais as motivações que têm trazido o crescimento de empreendimentos idealizados e liderados por mulheres, considerando o ambiente socioeconômico brasileiro? Quais os desafios que as mulheres enfrentam neste modelo de geração de renda e quais os instrumentos que têm auxiliado na superação destas barreiras?

O empreendedorismo tem sido um forte aliado para sucesso dessas mulheres, resultando até mesmo, nos estudos realizados, revelando uma crescente participação delas no mundo dos negócios, que antes era dominado pela figura masculina.

É preciso ressaltar que, mesmo com o crescimento, ainda há muitos obstáculos e desafios a serem superados que impedem a participação de mais mulheres no ambiente empresarial e que precisam ser elucidados, para que ações estratégicas de apoio e desenvolvimento possam ser discutidas e implementadas, com o intuito de fortalecer as empreendedoras e suas empresas, expandindo essa contribuição com a comunidade em que estão inseridas, o que corrobora com os dados obtidos na pesquisa de campo desenvolvida e apresentada ao final deste artigo, que também expõe a vontade de se empreender, entre as mulheres mais jovens.

Entre os benefícios que as mulheres têm trazido, destaca-se os novos modelos de negócios, com tecnologias e formas de trabalho mais progressistas, em relação aos modelos que a sociedade já está acostumada, inclusive criando redes de apoio e suporte para este formato de geração de renda.

Foi mediante as metodologias de pesquisas bibliográficas e webgráficas, realizadas em livros, sites e artigos que exploram o tema, que produzimos este artigo, que tem como objetivo, transferir informações e dados sobre o impacto e importância do empreendedorismo feminino, diante dos empecilhos enfrentados pelas mulheres. Conjuntamente utilizamos o método quantitativo, por meio de uma pesquisa de campo, que buscou compreender o que motiva as jovens estudantes do grupo Educacional Drummond se tornarem empreendedoras, como uma opção de geração de renda e quais as principais características desses empreendimentos.

## **2. EMPREENDEDORISMO X EMPRESARIADO**

Empreendedorismo é toda e qualquer arte de se criar um produto ou serviço que possa solucionar problemas, podendo ser viabilizado através de um negócio, projeto ou até mesmo algum movimento que gere mudanças reais ou impacto no dia a dia das pessoas. Segundo HEERD (2019. P.9) “Empreendedorismo é mais do que o processo de iniciar um negócio. É a capacidade de identificar, desenvolver e implementar oportunidades”.

O perfil empreendedor é aquele que encontra dificuldades que ainda não foram supridas, que participa do processo de trabalho, se envolvendo com a produção de bens/produtos, comprovando o que foi dito por DORNELAS (2005. P.39): “Empreendedorismo é o envolvimento de pessoas e processos que, em conjunto, levam à transformação de ideias e oportunidades”. Diante disso, o empreendedorismo observa oportunidades e as transforma em um negócio com a intenção de atender as necessidades de seus clientes.

O conceito de empreendedorismo não está diretamente ligado a figura do empresário, visto que este é o principal responsável pelo direcionamento do negócio, segundo COELHO (2013. P.31-32) “Empresário é a pessoa que toma a iniciativa de organizar uma atividade econômica de produção ou de circulação de bens e serviços”, ou seja, empresário é toda pessoa que possua ou seja sócia de uma ou mais organizações fazendo parte de sua administração, da tomada de decisões e das definições estratégicas para o futuro e gestão/desenvolvimento do negócio, respondendo assim pelos resultados obtidos, sendo eles positivos ou negativos.

De acordo com REQUIÃO (2013. P. 76-77):

“Dois elementos fundamentais servem para caracterizar a figura do empresário: a iniciativa e o risco. O poder de iniciativa pertence-lhe exclusivamente: cabe-lhe, com efeito, determinar o destino da empresa e o ritmo de sua atividade”.



Conforme exposto acima por REQUIÃO, podemos perceber que o empresário é responsável por garantir o bom funcionamento e desenvolvimento do negócio. É possível dizer que o empresário é a pessoa que deve ter capacidade e conhecimentos para, de maneira assertiva, conduzir os parâmetros organizacionais, não necessariamente, fazendo parte diretamente dos processos de produção de bens e serviços, como ocorre com o perfil empreendedor, que também possui suas diferenças, principalmente quando comparamos os modelos do empreendedorismo entre homens e mulheres.

Para VILLAS BOAS (2010, p.51) “existem importantes diferenças entre os estilos de empreender masculino e feminino. Elas têm uma ótima capacidade de persuasão e se preocupam com clientes e fornecedores, o que contribui para o progresso da empresa”. É possível ver que a mulher empreendedora tem agregado significativamente para o empreendedorismo, pois, além de contribuir com a economia, elas influenciam outras mulheres a conquistarem a sua independência financeira e com isso, quebrar os tabus que as qualificam apenas, por exemplo, como “donas do lar”.

### **3. EMPREENDEDORISMO FEMININO**

Empreendedorismo feminino é um movimento que envolve negócios fundados, comandados e desenvolvidos por mulheres, incluindo empresas com liderança feminina e com mulheres ocupando os cargos mais altos em seu quadro de funcionários. De acordo com GOMES (2004, *apud* ALPERSTEDT; FERREIRA; SERAFIM; 2014):

“O empreendedorismo feminino não se trata apenas do ingresso da mulher no mercado de trabalho para contribuir com a renda familiar, mas também se relaciona com a alteração social de grandes proporções que provocam não somente transformações nas expectativas da vida pessoal, mas também nas relações familiares e nas demandas por serviços públicos”.

Conforme exposto acima, devido à dificuldade de acesso ao mercado de trabalho, de ocupar altos cargos, lidar com o mercado liderado por figuras masculinas e entre outros aspectos sociais, as mulheres encontraram no empreendedorismo uma forma de crescer, o que possibilita a conciliação entre o avanço profissional e conciliação com outros papéis na sociedade.

#### **3.1 O que leva as mulheres a empreenderem**

Segundo artigo acadêmico Empreendedorismo Feminino: Um Estudo Sobre A Relevância De Empreender Das Alunas Do Curso De Administração Da Pontifí-

cia Universidade Católica De Goiás (pag.4)<sup>11</sup>, o empreendedorismo vai muito além de apenas desenvolver um negócio para gerar renda. O campo de estudo do empreendedorismo é extenso, não existe uma teoria absoluta que englobe o fenômeno empreendedor, e este pode se manifestar em diversas áreas do conhecimento.

Ao falar de empreendedorismo feminino, são enfatizadas as razões econômicas, sociais e psicológicas, entretanto, as motivações variam de pessoa para pessoa, pois atendem às necessidades e perspectivas de cada indivíduo. De acordo com CHIAVENATO (2007, p. 172).

A motivação está intimamente relacionada com as necessidades pessoais. Assim, as necessidades direcionam o comportamento daqueles que procuram satisfazer carências pessoais. Tudo o que leva a alguma satisfação dessas necessidades motiva o comportamento, isto é, provoca as atitudes das pessoas.

Posto isso, são várias as razões que levam uma mulher a empreender. Algumas empreendem para suprir suas necessidades, outras por encontrarem um nicho no mercado em ascensão ou para dar continuidade a um empreendimento familiar.

Com os crescentes índices de desemprego nos últimos anos (grande parte decorrente da pandemia de covid-19)<sup>12</sup>, a falta de trabalho fixo e a rotina dupla são condutores para que as brasileiras começassem a analisar e identificar quais as demandas da sociedade que podem ser supridas com a criação de algo que trouxesse renda e flexibilidade para elas. Alguns dos impulsionadores deste volume de novas empresas lideradas por mulheres provém do atendimento as necessidades básicas, atual realidade social e exercício de diferentes papéis, seja no mercado de trabalho, seja nos relacionamentos e na liderança familiar.

Mesmo diante de vários desafios e preconceitos, as mulheres veem, por meio do empreendedorismo uma oportunidade de melhoria de vida. Muitas procuraram estabilidade financeira, realização profissional, flexibilidade e autonomia em suas atividades profissionais e econômicas. Várias delas inclusive almejam mudar de vida e deixar o vínculo convencional de emprego, permitindo maior flexibilidade de horário, tornando suas rotinas mais independentes e gerando um sentimento de realização profissional e pessoal, como pode ser analisado na pesquisa de campo no capítulo 6 deste artigo.

---

<sup>11</sup> Disponível em: <https://repositorio.pucgoias.edu.br/jspui/bitstream/123456789/378/1/TCC%20Final%20Nath%C3%A1lia%20Sampaio.pdf>. Acesso em: 21 de Abril de 2023.

<sup>12</sup> Disponível em: <https://veja.abril.com.br/economia/ibge-desemprego-durante-a-pandemia-foi-maior-que-o-estimado>. Acesso em: 24 de Novembro de 2023.

Além disso, a maternidade, ou o desejo de ser mãe e os cuidados com a família também são questões muito valorizadas pelo público feminino. Segundo pesquisa realizada pelo Instituto Rede Mulher Empreendedora<sup>13</sup>, em torno de 75% das mulheres decidem empreender após a maternidade.

A importância da mulher como empreendedora para a sociedade, gira em torno de sua contribuição econômica e criativa na geração de renda (para si e para os outros), de seu comportamento, na gestão das jornadas de trabalho e no aumento da sua autonomia perante seus desafios pessoais, profissionais e sociais.

### **3.2 Importância do empreendedorismo feminino no contexto atual**

Mesmo após anos de lutas por igualdade social e mais espaço no mercado de trabalho, ainda existem muitos desafios pela frente, entretanto, as mulheres têm como um forte aliado o empreendedorismo. De acordo com Farias (2020, p.130), o empreendedorismo feminino surge como opção de abrir espaço para as mulheres no mercado de trabalho, com o intuito de demonstrar a força feminina, principalmente ressaltar as barreiras de gênero que ainda existem nessa área e que mesmo diante delas, as empresas abertas por mulheres contribuem na economia, através da geração de empregos, incentivando a independência financeira e influenciando outras mulheres a terem o seu próprio negócio, o que também corrobora com o exposto no capítulo 5 do presente artigo.

De acordo com o artigo Estilo feminino de gestão em empresas familiares gaúchas<sup>14</sup>, “a mulher consegue construir um sentimento de comunidade, por meio do qual os membros da organização se unem, e aprendem a acreditar e a cuidar uns dos outros”.

O impacto gerado através do empreendedorismo, principalmente quando este é liderado por uma mulher, tem trazido grandes avanços, mas também é preciso evidenciar que as empreendedoras encontram inúmeros desafios, que tem exigido demonstração de força, persistência e flexibilidade.

### **3.3 Desafios das empreendedoras**

O Empreendedorismo feminino vem passando por várias transformações, não apenas no Brasil, mas no restante do planeta. A cada ano, a presença feminina em diversos setores ganha mais atenção, devido às mudanças que promovem, não só na economia, como na sociedade na qual estão inseridas. As redes sociais, hoje em dia, se tornaram pontos de referências, onde é possível constatar muitas evidências de que as mulheres vêm se destacando como empreendedoras.

---

<sup>13</sup> Disponível em: <https://revistavidapratica.com.br/mas-afinal-por-que-as-mulheres-empreendem/>. Acesso em: 20 de Abril de 2023.

<sup>14</sup> Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rac/a/k8YywBkKLjd5Mhwmds69Gnk/?lang=pt>. Acesso em: 20 Abril de 2023.

De acordo com o Relatório Especial sobre Empreendedorismo Feminino no Brasil<sup>15</sup>, pesquisa elaborada pelo Sebrae que analisou o perfil das empreendedoras no Brasil – nosso país teve a 7ª maior proporção de mulheres à frente do seu próprio negócio. E mesmo com o cenário tão positivo de crescimento, ainda é notável que existem diversos avanços a serem alcançados. Primeiro ponto é a discriminação no ambiente de trabalho e a diferença de oportunidades em relação aos homens.

Cramer *et al* (2012)<sup>16</sup> apontam que as mulheres necessitam estar constantemente provando que são capazes de administrar seus próprios negócios para conseguirem conquistar seu espaço no mercado. O preconceito contra as mulheres nos negócios não só afeta a autoestima feminina, mas também reflete o tipo de apoio que é recebido, tanto emocional quanto financeiro. Essa cruel realidade leva as empreendedoras à incerteza em seus planejamentos e nas tomadas de decisão.

Sem o apoio financeiro, oriundos de posses familiares ou mesmo de instituições de crédito, é difícil investir nas ideias e o impulsionamento inicial aos negócios fica mais difícil e desafiador. Além do preconceito, é claro que mulheres precisam conciliar todas suas responsabilidades da vida pessoal com a profissional. As empreendedoras são conscientes do seu papel econômico, mas boa parte delas ainda é responsável pela administração da casa e educação dos filhos.

Segundo Fenelon (2020), infelizmente ainda existe a comparação entre a mulher e o homem. O machismo estrutural ainda está muito presente na sociedade e esse é um dos maiores obstáculos para todas as mulheres, principalmente para aquelas que decidem abrir o próprio negócio. As empresárias ainda são vistas com desconfiança por muitos, porque acreditam que as mulheres são muito sensíveis e carecem da força necessária para administrar um negócio. Por causa disso, é comum que elas se esforcem muito mais do que os homens para provar suas habilidades e valor. Além disso, a discriminação pode minar a autoconfiança e a autoestima das mulheres e desencorajá-las a perseguir ou até mesmo a abandonar seu propósito. De acordo com SAFFIOTI (1981, p. 32)<sup>17</sup>:

---

<sup>15</sup> Disponível em: [https://books.google.com.br/books?id=EmeoEAAAQBAJ&printsec=frontcover&dq=inauthor:%22Telma+Regina+Stroparo%22&hl=pt-BR&newbks=1&newbks\\_redir=0&source=gb\\_mobile\\_search&sa=X&redir\\_esc=y#v=onepage&q&f=false](https://books.google.com.br/books?id=EmeoEAAAQBAJ&printsec=frontcover&dq=inauthor:%22Telma+Regina+Stroparo%22&hl=pt-BR&newbks=1&newbks_redir=0&source=gb_mobile_search&sa=X&redir_esc=y#v=onepage&q&f=false).

<sup>16</sup> Disponível em: [https://books.google.com.br/books?id=EmeoEAAAQBAJ&printsec=frontcover&dq=inauthor:%22Telma+Regina+Stroparo%22&hl=pt-BR&newbks=1&newbks\\_redir=0&source=gb\\_mobile\\_search&sa=X&redir\\_esc=y#v=onepage&q&f=false](https://books.google.com.br/books?id=EmeoEAAAQBAJ&printsec=frontcover&dq=inauthor:%22Telma+Regina+Stroparo%22&hl=pt-BR&newbks=1&newbks_redir=0&source=gb_mobile_search&sa=X&redir_esc=y#v=onepage&q&f=false). Acesso em: 21 de Abril de 2023.

<sup>17</sup> Disponível em: <https://revistavidapratica.com.br/mas-afinal-por-que-as-mulheres-empreendem/>. Acesso em: 20 de Abril de 2023.

Ao lado de numerosas discriminações de difícil prova, onde a integridade moral da mulher é testada cotidianamente, figura uma sorte de discriminação proibida por lei no Brasil, assim como num número substancial de países: os diferenciais de salários para homens e mulheres que desempenham funções idênticas.

Contudo, além dos efeitos emocionais do sexismo, há uma consequência prática que atinge duramente as empreendedoras: o excesso de trabalho. Isso porque, apesar de todos os avanços, as mulheres ainda são as principais responsáveis por cuidar da casa e dos filhos, mesmo quando possuem um emprego ou um negócio próprio. Gerenciar essas vertentes é um desafio e pode tornar sua rotina difícil, estressante e desgastante, inclusive, interrompendo suas atividades, tanto em casa quanto no trabalho. Além disso, é complexo equacionar questões como tempo e energia para também ter uma convivência melhor em ambiente familiar e social, e ter os necessários cuidados com a sua própria saúde física e emocional.

### **3.4 Diferenças que a ação feminina tem trazido aos negócios**

De acordo com relatório de 2020 do Global Entrepreneurship Monitor<sup>18</sup>, o empreendedorismo feminino possui papel importante para a sociedade, sendo instrumento de criação de empregos, redução da pobreza e aumento do potencial feminino. Além de entender o processo que leva as mulheres a empreender, é importante avaliar os cenários econômicos/sociais e a importância das empreendedoras no Brasil.

Conforme pesquisa realizada pelo Sebrae em 2016 (2019)<sup>19</sup>, as responsáveis por iniciarem um negócio à época eram em sua maioria mulheres, cerca de 51,5% dos novos empreendimentos no Brasil. Conforme o mesmo levantamento, a atividade em destaque foi de serviços domésticos (17% do total); em seguida as atividades no ramo de beleza e estética com (14,3% - em contrapartida, apenas 3,3% dos homens atuam no ramo); em terceiro lugar está o setor varejista de vestuário (12% das mulheres contra 3,1% dos homens), ou seja, a autonomia encontrada no ramo da beleza e estética no Brasil, auxilia a elas na construção de um cenário favorável aos empreendimentos.

---

<sup>18</sup> Disponível em: <https://ibqp.org.br/wp-content/uploads/2021/02/Empreendedorismo-no-Brasil-GEM-2019.pdf>. Acesso em: 08 Abril de 2023.

<sup>19</sup> Disponível em: [https://sebrae.com.br/Sebrae/Portal%20Sebrae/UFs/BA/Anexos/Empreendedorismo\\_feminino\\_como\\_tend%c3%aaancia\\_de\\_neg%c3%b3cios.pdf](https://sebrae.com.br/Sebrae/Portal%20Sebrae/UFs/BA/Anexos/Empreendedorismo_feminino_como_tend%c3%aaancia_de_neg%c3%b3cios.pdf). Acesso em: 08 Abril de 2023.

Ainda de acordo com Sebrae (2019), além de inovadoras, as mulheres também têm se revelado como boas gestoras, como comprova um levantamento feito em 2017 pela Fundação Getúlio Vargas, a partir de dados divulgados pelo IBGE, organizações geridas por mulheres demonstraram formas mais positivas nos resultados aos comparados pelos homens. Em um cenário com inflação em alta, empreendimentos com mulheres no comando tiveram um crescimento de 0,7%. Já em relação aos homens há uma queda de 1,9%. Em 2016, homens e mulheres sofreram com perdas, porém, enquanto a delas foi de 2,8%, a deles foi mais significativa: 5,1%. Como o cenário nem sempre é favorável para as mulheres, a solução encontrada foi transformar-se em empreendedoras, que precisam, muitas vezes, de redes de apoio e instrumentos tecnológicos que possibilitem seu avanço.

#### 4. EDUCAÇÃO EMPREENDEDORA E SUPORTE PARA ESTE FORMATO DE NEGÓCIO

De acordo com relatório executivo levantado pela GEM (2019, p. 41)<sup>20</sup>, as mulheres empreendedoras têm um grau de escolaridade maior e de um ano superior à média dos homens, porém a permanência no empreendimento é menor, cerca de 26 milhões, quando comparado com a permanência dos empreendimentos liderados por figuras masculinas, estando na faixa dos 29 milhões, de acordo com os dados apontados em 2019. Mesmo com mais escolaridade em comparação aos homens empreendedores, sendo que 79% delas possuem grau superior ou mais, tendo como principais investimentos no setor de serviços, as dificuldades encontradas são diversas, como por exemplo, a conciliação de diferentes atividades. Enquanto, os empreendedores buscam rentabilidade, a maioria das mulheres empreendem também pela flexibilidade de horário, o relatório ainda aponta que 68% das mulheres a frente de negócios precisam também trabalhar em casa. Quanto à capacitação, 70% buscam informações principalmente nas redes de empreendedorismo e 68% em palestras gratuitas, conforme o Sebrae (2019, p. 12)<sup>21</sup>. De acordo com o livro Empreendedorismo feminino, de RECH *et al* (2021, p. 36):

Protagonistas em tempos de pandemia, a Liga de Empreendedorismo feminino da PUCRS teve início em 2018 e faz parte da iniciativa das ligas Integradas da Escola de Negócios, com intuito das mulheres troquem experiência e entender os desafios para tornar mais igualitário.

---

<sup>20</sup> Disponível em: <https://ibqp.org.br/wp-content/uploads/2021/02/Empreendedorismo-no-Brasil-GEM-2019.pdf>. Acesso em: 08 Abril de 2023

<sup>21</sup> Disponível em: <https://ibqp.org.br/wp-content/uploads/2021/02/Empreendedorismo-no-Brasil-GEM-2019.pdf>. Acesso em: 08 Abril de 2023.

Esse modelo de iniciativas é de suma importância para impulsionar o protagonismo feminista. Como também os demais institutos e organizações voltados ao fortalecimento das empreendedoras com oportunidades e auxílio como capacitações, eventos, materiais e apoio financeiro.

De acordo com entrevista com Lilian Schiavo, Presidente da OBME para o programa “Carreira Talk Show”<sup>22</sup>, a OBME - Organização Brasileira de Mulheres Empresárias, é uma organização voltada para mulheres proprietárias de empresas, que estão presentes em mais de 120 países e com mais de 5 milhões de associadas, realizando congressos internacionais, para construção de networking e parcerias com outras organizações como IBREI - Instituto Brasileiro de Desenvolvimento de Relações Empresariais Internacionais.

O Instituto RME existe há 13 anos com intuito de compartilhar e promover o conhecimento para mulheres em várias etapas de empreendedorismo e conta com plataforma de aprendizado para desenvolvimento dos negócios e pessoal, apoiando mulheres em situações mais vulneráveis na jornada pela autonomia que o negócio próprio pode proporcionar e uma melhora econômica.

De acordo com o Instituto RME<sup>23</sup>, em 2022 foram 73.566 de mulheres impactadas e 943 de ações realizadas. Após participarem dos programas oferecidos 63% tiveram um aumento na renda e 47% conseguiram abrir seu próprio negócio. As organizações têm impacto ao incentivarem e trabalharem na confiança das mulheres que muitas vezes já sabem que querem empreender e precisam apenas de um incentivo para mudarem de vida através da educação em sintonia com a capacitação de projetos sociais. A RME possui uma plataforma de cursos para desenvolvimento das mulheres empreendedoras, além de programas de aceleração e auxiliando na conexão com possíveis investidores, alguns com apoio de outras organizações como Google e Itaú.

Iniciativas como Prêmio Sebrae Mulher de Negócios<sup>24</sup> em parceria com Luiza Trajano que, desde 2004, busca premiar e homenagear empreendedoras inovadoras, e que geram impacto social e econômico na região em que estão inseridas, possuindo 3 categorias a serem contempladas. Conta com mais de 100 mil mulheres inscritas e mais de 200 empreendedoras premiadas. Iniciativas como essa podem trazer um apoio financeiro e visibilidade ao negócio para alavancar o seu crescimento e desenvolvimento.

---

<sup>22</sup> Disponível em: [https://sebrae.com.br/Sebrae/Portal%20Sebrae/UFs/BA/Anexos/Empreendedorismo\\_feminino\\_como\\_tend%C3%aancia\\_de\\_neg%C3%B3cios.pdf](https://sebrae.com.br/Sebrae/Portal%20Sebrae/UFs/BA/Anexos/Empreendedorismo_feminino_como_tend%C3%aancia_de_neg%C3%B3cios.pdf). Acesso em: 08 Abril de 2023.

<sup>23</sup> Disponível em: <https://ibqp.org.br/wp-content/uploads/2021/02/Empreendedorismo-no-Brasil-GEM-2019.pdf>. Acesso em: 08 Abril de 2023

<sup>24</sup> Disponível em: <https://www.sebrae.com.br/sites/PortalSebrae/empreendedorismofeminino/premiomulherdenegocios>. Acesso em: 23 Abril de 2023.

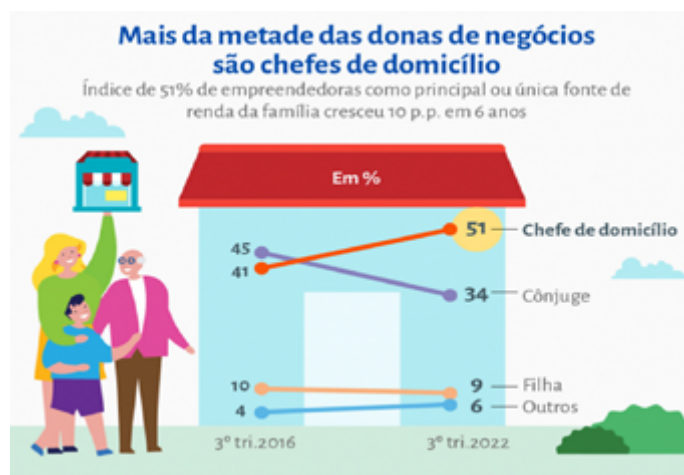
## 5. IMPACTO SOCIOECONÔMICO DO EMPREENDEDORISMO FEMININO NO PAÍS

Atualmente é possível ver a existência de muitas mulheres que desenvolveram habilidades para a liderança e provaram ter capacidades e conhecimentos elevados na realização das mais diversas tarefas relacionadas às organizações.

Segundo a Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua (PNA-DC)<sup>25</sup>, realizada pelo IBGE, em 2022 cerca de 10 milhões de mulheres estavam à frente de negócios no Brasil e que cerca de 34% dos “donos de negócio” são mulheres. A GEM (Global Entrepreneurship Monitor)<sup>26</sup>, principal pesquisa sobre empreendedorismo no mundo, mostrou que em 2018 o Brasil ficou em sétimo lugar no ranking de proporção de mulheres à frente de empreendimentos iniciais, ou seja, aqueles que os negócios possuem menos de 42 meses de existência.

Mesmo com nível de instrução educacional consideravelmente elevado, as mulheres ainda aparecem com uma renda menor entre os empreendedores, ou seja, é encontrado uma desvantagem financeira em relação aos homens. De acordo com pesquisa realizada pelo Sebrae em 2022, em seis anos a quantidade de empreendedoras como principal ou única fonte de renda cresceu em 10 pontos percentuais, como podemos observar na imagem abaixo:

Figura 1. Infográfico – Donas de negócio: mais escolarizadas e com rendimentos menores que o dos homens



Fonte: Agência Sebrae de Notícias (ASN), 2022<sup>27</sup>.

<sup>25</sup> Disponível em: <https://www.sebrae.com.br/sites/PortalSebrae/sebraeaz/mulheres-e-negocios-a-forca-do-empendedorismo-feminino,56ff2a53c6d80710VgnVCM1000004c00210aRCRD>. Acesso em: 20 Março de 2023.

<sup>26</sup> Disponível em: <https://sebrae.com.br/sites/PortalSebrae/empendedorismofeminino/artigoempendedorismofeminino/empendedorismo-feminino-qual-a-sua-importancia-para-a-sociedade,5cef0ab8f5ad7710VgnVCM100000d701210aRCRD#:~:text=O%20GEM%20>. Acesso em: 20 Março de 2023.

<sup>27</sup> Disponível em: <https://agenciasebrae.com.br/dados/infografico-donas-de-negocio-mais-escolarizadas-e-com-rendimentos-menores-que-o-dos-homens/>. Acesso em: 14 Maio de 2023.



Segundo o Fórum Econômico Mundial<sup>28</sup>, serão necessários 136 anos para que a igualdade entre homens e mulheres seja alcançada mundialmente. No entanto, cabe ressaltar que, não basta diminuir a diferença no número de homens e mulheres que iniciam negócios, mas, se torna crucial fornecer redes de apoio que possam ajudar estas empresas fundadas por mulheres a obterem sucesso.

A queda na diferença de gênero dentro das organizações e o fomento do crescimento de empresas lideradas por mulheres, além de gerar um aumento significativo no PIB global, pode também ocasionar o lançamento de ideias, serviços e produtos inovadores no mercado, redefinindo assim o futuro do país.<sup>29</sup>

A contribuição do empreendedorismo feminino vai muito além da criação de empregos e do crescimento da economia. As lideranças femininas têm também grande potencial transformador dentro das empresas, nas relações sociais e na diversificação do ponto de vista na tomada de decisão.<sup>30</sup>

A mulher empreendedora, frente a liderança organizacional, pode auxiliar em fatores que vão desde a valorização dos talentos em todas as áreas da organização até o estímulo a proximidade com os clientes, sejam eles internos ou externos. Segundo uma pesquisa da Organização Internacional do Trabalho<sup>31</sup>, empresas que se preocupam com o impacto da diversidade de gênero na liderança contam com funcionários mais engajados e têm crescimento de 5% a 20% nos lucros.

De acordo com relatório “Retrato dos Pequenos Negócios Inclusivos e de Impacto no Brasil” (2017)<sup>32</sup>, os negócios inclusivos e de impacto social buscam resolver problemas sociais relacionados ao acesso a renda, trabalho e oportunidade para mulheres, tomando iniciativas dentro da própria comunidade em que estão inseridos, focando no desenvolvimento local. Com o investimento em estratégias de equidade de gênero, expande-se o olhar para as negras, indígenas e deficientes.

Tanto os problemas como possíveis soluções têm como foco a pessoa, com iniciativas que melhoram a vida da sociedade como um todo. Negócios inclusivos e de impacto social estão gradativamente se alinhando aos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS) no Brasil. Como podemos ver na imagem a seguir:

---

<sup>28</sup> Disponível em: <https://sebraepr.com.br/comunidade/artigo/sebrae-em-dados-empreendedorismo-feminino>. Acesso em: 01 Maio de 2023.

<sup>29</sup> Disponível em: <https://forbes.com.br/negocios/2019/11/inclusao-de-mais-empreendedoras-pode-aumentar-pib-global-ate-us-5-tril/>. Acesso em: 20 Março de 2023.

<sup>30</sup> Disponível em: <https://sebrae.com.br/sites/PortalSebrae/empreendedorismofeminino/artigoempreendedorismofeminino/empreendedorismo-feminino-qual-a-sua-importancia-para-a-sociedade,5cef0ab8f5ad7710VgnVCM100000d701210aRCRD#:~:text=O%20GEM%20>. Acesso em: 20 Março de 2023.

<sup>31</sup> Disponível em: <https://www.contabilizei.com.br/contabilidade-online/empreendedorismo-feminino/#:~:text=O%20empreendedorismo%20feminino%20desempenha%20um,perspectivas%20inovadoras%20identificadas%20pelas%20empreendedoras>. Acesso em: 01 Maio de 2023.

<sup>32</sup> Disponível em: [https://www.sebrae.com.br/Sebrae/Portal%20Sebrae/Anexos/3.\\_mapeamento\\_negocios\\_de\\_impacto.pdf](https://www.sebrae.com.br/Sebrae/Portal%20Sebrae/Anexos/3._mapeamento_negocios_de_impacto.pdf). Acesso em: 02 de Outubro de 2023.

Figura 2. Infográfico - Objetivos de Desenvolvimento Sustentável



Fonte: Agenda 2030 (ODS), 2015<sup>33</sup>.

Ainda de acordo com o relatório<sup>34</sup>, os negócios apresentados, tem um propósito social, objetivando a promoção e o crescimento econômico inclusivo e sustentável, atuando nas áreas de educação, cultura e geração de emprego, renda e nas questões ambientais, como reciclagem, água e energia. Os dados do relatório também revelam, que cerca de 31% dos empreendimentos investem na inserção da população de menor renda e que 55% desses negócios procuram fortalecer as comunidades em que estão inseridos, representando um impulsionamento para o desenvolvimento local e para a criação de valor compartilhado com a sociedade, dados que corroboram com a terceira pergunta feita na pesquisa de campo a seguir.

## 6. PESQUISA DE CAMPO: EMPREENDEDORISMO FEMININO JOVEM

Foi realizada uma pesquisa de campo quantitativa, entre os dias 18 de Abril a 12 de Maio de 2023, com objetivo de demonstrar, de forma gráfica, como o empreendedorismo tem impactado jovens estudantes, entre 15 e 29 anos, devidamente matriculadas nos cursos, ofertados pelo grupo educacional Drummond. Foi utilizada a plataforma Google Forms, como ferramenta de criação e compartilhamento das perguntas embasadas no conteúdo e problematização do artigo, disponibilizadas através de link e/ou QR Codes distribuídos nas dependências da unidade do bairro do Tatuapé - São Paulo, contando com a participação de 41 alunas que responderam a pesquisa. De acordo com Almeida Martinho (2010, p.22):

<sup>33</sup> Disponível em: <https://gtagenda2030.org.br/ods/>. Acesso em: 09 de Outubro de 2023.

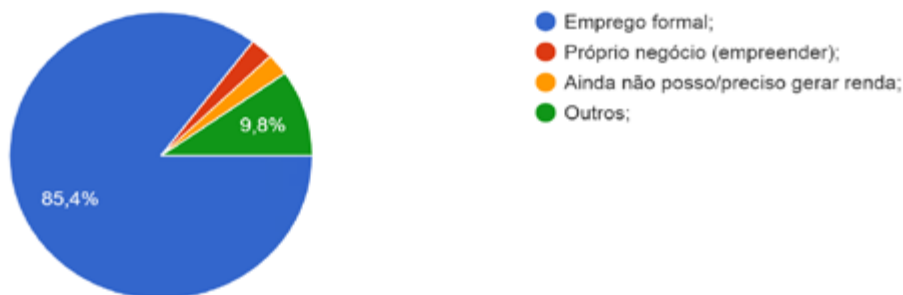
<sup>34</sup> Disponível em: [https://www.sebrae.com.br/Sebrae/Portal%20Sebrae/Anexos/3.\\_mapeamento\\_negocios\\_de\\_impacto.pdf](https://www.sebrae.com.br/Sebrae/Portal%20Sebrae/Anexos/3._mapeamento_negocios_de_impacto.pdf). Acesso em: 02 de Outubro de 2023.

“O objetivo é um ponto concreto que se quer atingir, devendo ter parâmetros numéricos e datas a serem alcançadas, de modo geral: Ressalta-se que a meta é uma segmentação do objetivo, em que o aspecto quantitativo tem uma importância maior, ou seja, é mais preciso em valor e em data, pois é mais próximo que o objetivo.”

Inicialmente, verificamos que a maioria das alunas entrevistadas (85,4%), ainda recorrem ou recorreram ao trabalho formal (regulamentado pela CLT) para geração de renda, como podemos analisar no gráfico a seguir:

**Gráfico 1**

Sua primeira geração de renda foi através de:  
41 respostas

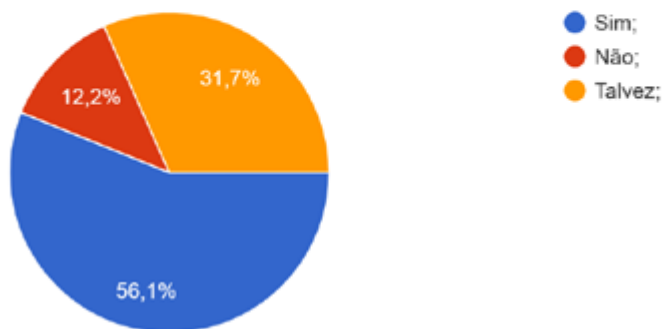


Fonte: Elaborado pelos autores.

Quando questionado, se já pensaram em abrir o próprio negócio, considerando um planejamento a curto e médio prazo, obtivemos o seguinte resultado:

**Gráfico 2**

Caso não seja empreendedora, já pensou em abrir o próprio negócio, considerando um planejamento a curto e médio prazo?  
41 respostas



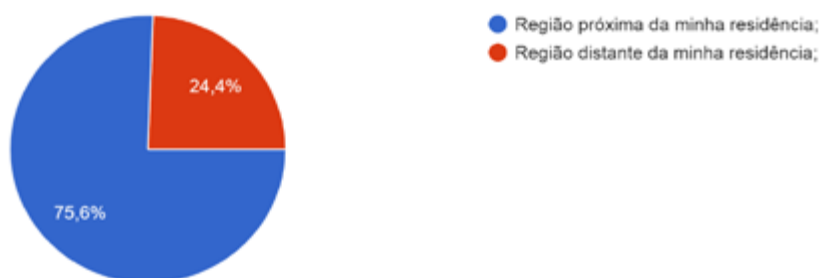
Fonte: Elaborado pelos autores.

Averiguamos que mesmo com vínculo empregatício formal, grande parte das alunas já pensam em empreender, como uma segunda opção de geração de renda e que mais de 75% delas investiriam em negócios próximos de casa, como podemos observar no gráfico a seguir:

**Gráfico 3**

Se para você, empreender, fosse uma escolha primordial na geração de renda, em qual região abriria seu próprio negócio?

41 respostas



Fonte: Elaborado pelos autores.

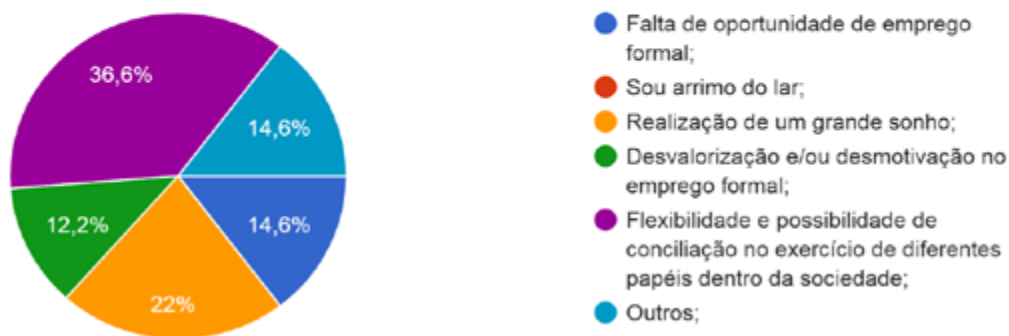
Tais dados revelam que com o investimento de negócios, nos bairros em que as alunas residem, há a possibilidade de desenvolvimento da economia local, geração de empregos, inclusive e majoritariamente entre as mulheres, beneficiando a comunidade local conforme exposto no final do capítulo 4 do presente artigo.

Além de ser um fator muito interessante a abertura de negócios na região que residem, existem outras motivações que incentivam a geração de renda através do empreendedorismo, vejamos:

**Gráfico 4**

Quais motivos, razões ou impulsionamentos que te incentivariam a empreender, considerando sua realidade de vida?

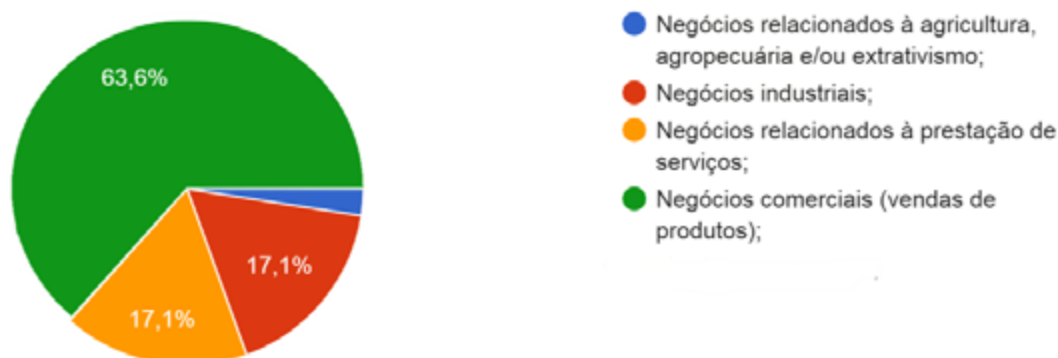
41 respostas



Fonte: Elaborado pelos autores.

Mais de 36% das mulheres buscam flexibilidade e poder de conciliação no exercício de diferentes papéis dentro da sociedade, como por exemplo, a maternidade, estudos, cuidados físicos e estéticos, que corrobora com o conteúdo discorrido no capítulo 3 do presente artigo. Também averiguamos que 22% das entrevistadas buscam pela realização de um sonho pessoal e que as áreas de atuação dos possíveis futuros negócios podem demonstrar uma mudança significativa, perceptível após análise do gráfico a seguir:

**Gráfico 5**



Fonte: Elaborado pelos autores.

É perceptível a mudança, quanto aos segmentos que as futuras jovens empreendedoras desejam atuar, considerando investimento na área comercial (63,6%). Já as áreas industriais e de prestação de serviços, obtiveram o mesmo resultado de acordo com nossa pesquisa (17,1%), representando uma futura mudança nos negócios liderados por mulheres quando comparado com o cenário atual, que revela forte investimento em empresas do terceiro setor, conforme exposto no capítulo 2.4 do presente artigo. Isso mostra o vasto potencial criativo que esta geração está disposta a investir em novas áreas de negócios, que antes eram dominadas por homens.

## 7. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao término deste artigo constata-se a importância do empreendedorismo feminino diante do cenário socioeconômico em que as mulheres estão inseridas, como pode ser analisado em nossa pesquisa de campo, demonstrando que mesmo recorrendo ao trabalho formal, a maioria das entrevistadas consideram o empreendedorismo como fonte de renda futura. Em função disso, essas empreendedoras motivadas por incontáveis fatores, os quais são responsáveis por sua incansável busca de reconhecimento justo, atribuído única e exclusivamente a suas competências, e não mais ao gênero, partem em uma árdua e longa luta por conquistar seu próprio espaço nos negócios. Dentre esses fatores destacam-se a busca por estabilidade financeira, realização profissional, flexibilidade, autonomia, além de conciliar o cuidado com ela própria e com a família.

Ainda existem muitos desafios a serem superados, como a discriminação no ambiente de trabalho e a dificuldade em lidar com a dupla jornada, o que dificulta a administração entre vida pessoal e profissional. A mulher empreendedora enfrenta ainda a desconfiança por conta de estereótipos, o que exige das empresárias um esforço extra para provar seus conhecimentos e habilidades.

Contudo, a presença feminina a frente de diversos setores da economia vem se fortalecendo, seja com impulsionamento oferecido pelas organizações não governamentais, como também pelas redes de apoio que destacam e aumentam o espaço delas no mercado. Esse crescimento tem correspondido como um dos principais responsáveis no aumento do potencial econômico do país, através da geração de empregos, desenvolvimento regional e comunitário, qualidade no gerenciamento e do poder criativo.

## 8. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, Martinho I. R. de A. **Manual de planejamento estratégico: desenvolvimento de um plano estratégico com a utilização de planilhas Excel**. 3. ed. São Paulo: Atlas, 2010, p. 22.

ALPERSTEDT, Graziela; FERREIRA, Juliane; SERAFIM, Maurício. Empreendedorismo feminino: dificuldades relatadas em histórias de vida. **Revista de Ciências da Administração**, vol. 16, núm. 40, 2014, pp. 221-234. Disponível em: <https://www.redalyc.org/pdf/2735/273532832015.pdf>. Acesso em: 29 nov. 2023.

CHIAVENATO, Idalberto. **Empreendedorismo: dando asas ao espírito empreendedor**. 2. ed. São Paulo: Saraiva, 2007. 172p.

COELHO, Fábio U. **Manual do diretor comercial**. 25° ed. São Paulo: Saraiva, 2013. 31-32p.

CRAMER, Luciane et al. Representações femininas da ação empreendedora: uma análise da trajetória das mulheres no mundo dos negócios. **REGEPE Entrepreneurship and Small Business Journal**, v. 1, n. 1, p. 53-71, 2012. Disponível em: <https://regepe.org.br/regepe/article/view/14>. Acesso em: 29 nov. 2023.

DORNELAS, J. **Empreendedorismo transformando ideias em negócios**. 2° ed. Rio de Janeiro: Elsevier. 2005. 39p.

ALPERSTEDT, Graziela Dias; FERREIRA, Juliane Borges; SERAFIM, Maurício Custódio. Empreendedorismo feminino: dificuldades relatadas em histórias de vida. **Revista de Ciências da Administração**, v. 16, n. 40, p. 221-234, 2014. Disponível em: <https://www.redalyc.org/pdf/2735/273532832015.pdf>. Acesso em: 29 nov. 2023.

FARIAS, T. R. et al. (2020). Empreendedorismo feminino no desenvolvimento da agricultura familiar. **Revista Ciências da Sociedade**, v. 4, n. 7, p. 130-143, 2020. Disponível em: [https://www.researchgate.net/profile/Abner-Carvalho/publication/342919409\\_Empreendedorismo\\_feminino\\_no\\_desenvolvimento\\_da\\_agricultura\\_familiar/links/5f182fc-592851cd5fa3c08a5/Empreendedorismo-feminino-no-desenvolvimento-da-agricultura-familiar.pdf](https://www.researchgate.net/profile/Abner-Carvalho/publication/342919409_Empreendedorismo_feminino_no_desenvolvimento_da_agricultura_familiar/links/5f182fc-592851cd5fa3c08a5/Empreendedorismo-feminino-no-desenvolvimento-da-agricultura-familiar.pdf). Acesso em: 29 nov. 2023.

- FENELON, Beatriz Carvalho. **Mulheres Empreendedoras no Mercado de Trabalho: dificuldades e motivações**. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Administração) – Pontifícia Universidade Católica de Goiás. Goiânia, 2020.
- HEERD, Ana P. S. **Empreendedorismo**: livro didático. Palhoça: Unisulvirtual, 2019. 9p.
- LINHARES, Elaine. **Manual de pesquisa qualitativa**. Belo Horizonte: Grupo Ânima Educação, 2014, P.57.
- REQUIÃO, Rubens E. **Curso de direito comercial**. 25° ed. São Paulo: Saraiva, 2013, 76-77p.
- DE SOUSA RAMOS, Karla; VALDISSER, Cassio R. Das dificuldades ao sucesso: os caminhos tortuosos e cheios de obstáculos enfrentados por empreendedoras. **Revista GeTeC**, v. 8, n. 20, 2019. Disponível em: <https://revistas.fucamp.edu.br/index.php/getec/article/view/1611>. Acesso em: 29 nov. 2023.
- RECH, Ionara de *et al.* Empreendedorismo feminino: Protagonistas em tempos de pandemia. Rio Grande do Sul: EdiPUC-RS. 2021. *E-book*. Disponível em: <https://editora.pucrs.br/livro/1483/>. Acesso em: 18 out. 2023.
- SAFFIOTI, H. I. B. **Do Artesanal ao Industrial: A Exploração da Mulher**. São Paulo: Editora Hucitec, 1981.
- VILLAS BOAS, Andréa. **Valor Feminino**: desperte a riqueza que há em você – São Paulo: Ed. Do autor, 2010.

## 9. REFERÊNCIAS WEBGRÁFICAS

- AGÊNCIA SEBRAE. Infográfico – Donas de negócio: mais escolarizadas e com rendimentos menores que o dos homens. AGÊNCIA SEBRAE, 2023. Disponível em: <https://agenciasebrae.com.br/dados/infografico-donas-de-negocio-mais-escolarizadas-e-com-rendimentos-menores-que-o-dos-homens/>. Acesso: em 14 maio 2023.
- CONTABILIZEI. Empreendedorismo Feminino: Importância e desafios. CONTABILIZEI, 2022. Disponível em: <https://www.contabilizei.com.br/contabilidade-online/empreendedorismo-feminino/#:~:text=O%20empreendedorismo%20feminino%20desempenha%20um,perspectivas%20inovadoras%20identificadas%20pelas%20empreendedoras>. Acesso em: 01 maio 2023.
- GOOGLE. Empreendedorismo Feminino. *E-book* GOOGLE, 2023. Disponível em: [https://books.google.com.br/books?id=EmeoEAAAQBAJ&printsec=frontcover&d-q=inauthor:%22Telma+Regina+Stroparo%22&hl=pt-BR&newbks=1&newbks\\_re-dir=0&source=gb\\_mobile\\_search&sa=X&redir\\_esc=y#v=onepage&q&f=false](https://books.google.com.br/books?id=EmeoEAAAQBAJ&printsec=frontcover&d-q=inauthor:%22Telma+Regina+Stroparo%22&hl=pt-BR&newbks=1&newbks_re-dir=0&source=gb_mobile_search&sa=X&redir_esc=y#v=onepage&q&f=false). Acesso em: 21 abril 2023.
- FORBES. Inclusão de mais empreendedoras pode aumentar PIB global até US\$ 5 tri. Disponível em: <https://forbes.com.br/negocios/2019/11/inclusao-de-mais-empreendedoras-pode-aumentar-pib-global-ate-us-5-tri/>. Acesso em: 20 março de 2023.

BQP ORG. Empreendedorismo no Brasil. IBQP ORG, 2019. Disponível em: <https://ibqp.org.br/wp-content/uploads/2021/02/Empreendedorismo-no-Brasil-GEM-2019.pdf>. Acesso em: 08 abril 2023.

GOMES, Alê. Empreendedorismo materno: afinal de contas, de que se trata. **Instituto RME**, 2022. Disponível em: <https://rme.net.br/empreendedorismo-materno-afinal-de-contas-de-que-se-trata/>. Acesso em: 21 abril 2023.

GTSCA 2030: **Objetivos de Desenvolvimento Sustentáveis**. Disponível em: <https://gtagenda2030.org.br/ods/>. Acesso em: 09 outubro 2023.

SPAGNOL, Alessandra. Mas afinal, por que as mulheres empreendem? **Revista Vida Prática**, 2019. Disponível em <https://revistavidapratica.com.br/mas-afinal-por-que-as-mulheres-empreendem/>. Acesso em: 20 abril 2023.

SAMPAIO, Nathalia K. O.; LARAICH, Ovidio A. R. Empreendedorismo feminino: Um estudo sobre a relevância de empreender das alunas do curso de administração da Pontifícia Universidade Católica de Goiás. PUC GOIÁS, 2020. Disponível em: <https://repositorio.pucgoias.edu.br/jspui/bitstream/123456789/378/1/TCC%20Final%20Nath%C3%A1lia%20Sampaio.pdf>. Acesso em: 21 abril 2023.

FENELON, Beatriz C.; LIMA, Tereza C. P. de. Mulheres empreendedoras no mercado de trabalho: dificuldades e motivações. PUC GOIÁS, 2020. Disponível em: <https://repositorio.pucgoias.edu.br/jspui/bitstream/123456789/1235/1/Beatriz%20Fenelon%20tcc%202020.pdf>. Acesso em: 20 abril 2023.

GRZYBOVSKI, Denize; BOSCARIN, Roberta; MIGOTT, Ana M. B. Estilo feminino de gestão em empresas familiares gaúchas. **Revista de administração Contemporânea**, v. 6, p. 185-207, 2002. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rac/a/k8YywBkKLjd5Mhwmds69Gnk/?lang=pt>. Acesso em: 20 abril 2023.

SEBRAE: Empreendedorismo Feminino no Brasil. Relatório Especial, março 2019. Disponível em: [https://www.sebrae.com.br/Sebrae/Portal%20Sebrae/UFs/GO/Sebrae%20de%20A%20a%20Z/Empreendedorismo%20Feminino%20no%20Brasil%202019\\_v5.pdf](https://www.sebrae.com.br/Sebrae/Portal%20Sebrae/UFs/GO/Sebrae%20de%20A%20a%20Z/Empreendedorismo%20Feminino%20no%20Brasil%202019_v5.pdf). Acesso em: 08 abril 2023.

SEBRAE. Empreendedorismo feminino: qual a sua importância para a sociedade? Disponível em: <https://sebrae.com.br/sites/PortalSebrae/empreendedorismofeminino/artigoempreendedorismofeminino/empreendedorismo-feminino-qual-a-sua-importancia-para-a-sociedade,5cef0ab8f5ad7710VgnVCM100000d701210aR-CRD#:~:text=O%20GEM%20>. Acesso em: 20 março 2023.

SEBRAE. Mulheres e negócios: a força do empreendedorismo feminino. SEBRAE, 2022. Disponível em: <https://www.sebrae.com.br/sites/PortalSebrae/sebraeaz/mulheres-e-negocios-a-forca-do-empreendedorismo-feminino,56ff2a-53c6d80710VgnVCM1000004c00210aRCRD>. Acesso em: 20 mar. 2023.



SEBRAE. Prêmio Sebrae Mulher de Negócios. SEBRAE, 2022. Disponível em: <https://www.sebrae.com.br/sites/PortalSebrae/empreendedorismofeminino/premiomulherdenegocios>. Acesso em: 23 abril 2023.

SEBRAE: Retrato dos Pequenos Negócios Inclusivos e de Impacto no Brasil. Disponível em: [https://www.sebrae.com.br/Sebrae/Portal%20Sebrae/Anexos/3.\\_mapeamento\\_negocios\\_de\\_impacto.pdf](https://www.sebrae.com.br/Sebrae/Portal%20Sebrae/Anexos/3._mapeamento_negocios_de_impacto.pdf). Acesso em: 02 out. 2023.

SEBRAE BA. Empreendedorismo feminino como tendência de negócios. SEBRAE BA, 2019. Disponível em: [https://www.sebrae.com.br/Sebrae/Portal%20Sebrae/UFs/BA/Anexos/Empreendedorismo\\_feminino\\_como\\_tend%C3%Aancia\\_de\\_neg%C3%B3cios.pdf](https://www.sebrae.com.br/Sebrae/Portal%20Sebrae/UFs/BA/Anexos/Empreendedorismo_feminino_como_tend%C3%Aancia_de_neg%C3%B3cios.pdf). Acesso em: 08 abril 2023.

SEBRAE PR. Sebrae Em Dados - Empreendedorismo Feminino. SEBRAE PR, 2023. Disponível em: <https://sebraepr.com.br/comunidade/artigo/sebrae-em-dados-empreendedorismo-feminino>. Acesso em: 01 maio 2023.

ZANOBIA, Luana. IBGE – Desemprego no Brasil durante a pandemia foi maior que o estimado. Revista Veja, 30 nov 2021, 12h22. Disponível em: <https://veja.abril.com.br/economia/ibge-desemprego-durante-a-pandemia-foi-maior-que-o-estimado>. Acesso em: 24 de nov. 2023.

Conversa com Lilian Schiavo, Presidente da OBME, Carreira Talk Show. Vídeo, 46:06 min. Publicado no canal Paul Bahamondes, 2020. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=GIHj7AMtHcA&t=12s>. Acesso em: 08 abril 2023.

## PERCEPÇÃO DA IMAGEM CORPORAL POR BAILARINAS CLÁSSICAS PROFISSIONAIS

### Perception Of Body Image By Professional Classical Ballet Dancers

CUNHA, Fabio Aires da<sup>35</sup>  
SOUZA, Sophia Carnaúba<sup>36</sup>

#### RESUMO

A dança é uma manifestação artística, uma forma de comunicação não verbal, que tem como ferramenta o corpo da dançarina, e como objeto o movimento, sendo que, o balé clássico é uma de suas modalidades. Com a consciência de que a bailarina se expressa por meio de seu corpo, ela poderá ter uma preocupação excessiva com sua ferramenta e, principalmente, em relação à sua imagem corporal, isso muitas vezes pode levar à frustração e a uma visão distorcida da realidade e do corpo, o que pode levar a uma autoavaliação negativa. O objetivo deste trabalho é investigar, por meio da revisão bibliográfica, a percepção da imagem corporal em bailarinas profissionais e como o padrão de corpo estipulado nas diretrizes do balé clássico pode afetar a imagem corporal. Os resultados encontrados mostraram que existe um corpo ideal para o balé clássico, sendo ele magro, esguio, longilíneo e flexível, havendo uma forte pressão colocada nas bailarinas para alcançarem este ideal, causando transtornos psicológicos, e influenciando a distorção e a insatisfação de sua imagem corporal.

**Palavras-chave:** Balé clássico. Bailarinas profissionais. Corpo ideal. Imagem corporal.

#### ABSTRACT

Dance is an artistic manifestation, a form of non-verbal communication, which uses the dancer's body as a tool and movement as its object, with classical ballet being one of its forms. With the awareness that the ballet dancer expresses herself through her body, she may have an excessive concern with her tool and, mainly, in relation to her body image, this can often lead to frustration and a distorted view of reality and of the body, which can lead to a negative self-evaluation. The objective of this work is to investigate, through a literature review, the perception of body image in professional ballet dancers and how the body standard stipulated in classical ballet guidelines can affect body image. The results found showed that there is an ideal body for classical ballet, being thin, slender, long and flexible, with strong pressure placed on dancers to achieve this ideal, causing psychological disorders, and influencing the distortion and dissatisfaction of their image body.

**Keywords:** Classical ballet. Professional ballet dancers. Ideal body. Body image.

---

<sup>35</sup> Coordenador e Professor nos Cursos de Educação Física e Tecnologia em Futebol do Centro Universitário Carlos Drummond de Andrade; Doutorando em Psicologia Educacional pelo Centro Universitário FIEO; Mestre em Ciências do Movimento pela Universidade Guarulhos. E-mail: fabiocunha@hotmail.com

<sup>36</sup> Graduada em Educação Física pela UniDrummond; Bailarina profissional. E-mail: sophia.carnauba01@gmail.com

**Como citar este artigo:**

CUNHA, Fabio Aires da; SOUZA, Sophia Carnaúba. Percepção da imagem corporal por bailarinas clássicas profissionais. **Revista Acadêmica Drummond – ReAD**. São Paulo. 2023. Disponível em: (colar link desta edição). Acesso em: (dia mês ano – exemplo: 03 ago. 2023.)

## 1. INTRODUÇÃO

No balé clássico, para aguentar um tempo longo de aulas, ensaios e apresentações, há um padrão de corpo a ser seguido: magro, longilíneo, flexível e, ao mesmo tempo, forte e resistente. Esta padronização corporal imposta às bailarinas, é veiculada pela cultura do balé e pensada para o progresso no aprendizado destas, sendo que a estética exigida segue um padrão internacional, notadamente europeu (ANJOS; OLIVEIRA, VELARDI, 2015).

Pensando nisso, se as bailarinas quiserem se tornar profissionais deverão alcançar este ideal a todo custo, podendo ocorrer em diversos casos a distorção da imagem corporal, afetando muito o psicológico dessas praticantes de balé, fazendo com que se sintam inferiores, “ruins”, e com excesso de peso (“gordas”), se não conseguirem alcançar este “corpo ideal”, não importando só a técnica.

De acordo com Barros (2001) o corpo da mulher já é moldado pela sociedade há muito tempo e, para as bailarinas, a pressão é ainda maior para ter um corpo magro, “o corpo de bailarina”. A partir deste fato, essa pressão corporal vem da sociedade, das companhias ou escolas de balé, da própria família e, principalmente, delas mesmas (ANJOS; OLIVEIRA, VELARDI, 2015).

Pela cultura do balé impor um padrão estético aos seus praticantes, acaba sendo exigido muita concentração e disciplina durante as aulas, com uma rotina de treinos desgastante e dietas rigorosas (ANJOS; OLIVEIRA, VELARDI, 2015).

Levando em consideração tudo isso, a imagem corporal de bailarinas profissionais é o foco deste trabalho, pois como podemos perceber, o corpo na dança clássica é muito estereotipado pelas Escolas e Companhias, sendo assim, muitas bailarinas têm a visão de seu corpo distorcida da realidade, causando a insatisfação da sua imagem corporal, visto que elas se expressam por meio de seus corpos e, notadamente terão uma preocupação excessiva com sua ferramenta da dança (ANJOS; OLIVEIRA, VELARDI, 2015). Surgindo assim a pergunta problema desta pesquisa: como os princípios do balé clássico podem influenciar na imagem corporal de bailarinas profissionais?

## 2. DESENVOLVIMENTO

### 2.1 O balé clássico

A palavra *ballet* é decorrente do termo em italiano *ballare*, que significa bailar ou dançar (KASSING, 2016; AMARAL, 2009). O balé clássico, é um estilo de dança caracterizado por regras rígidas e estética própria. Surgiu entre os séculos XV e XVI, na Itália, mas atingiu seu ápice cerca de 100 anos depois, em 1661, quando o rei da França, Luís XIV, criou a Academia Real da Dança. Com isso, foi na França que o balé clássico evoluiu, justificando a maioria de sua nomenclatura francesa. Já entre 1810 e 1830, ocorreram algumas modificações no modelo do balé clássico, como a expressividade e os movimentos mais fluídos (BOURCIER, 2001; *apud* CAMPOS; SANTOS, 2019).

Sendo uma modalidade de dança, o balé tem uma técnica específica que remonta séculos, mais especificamente o século XVII, quando se tornou acadêmico, havendo uma sistematização do ensino, com regras corporais e nomenclatura própria, surgindo e sendo encenado com a finalidade não só de entreter a corte, mas para mostrar a esta e aos países estrangeiros, a força da realeza e o poder econômico da França (CAMINADA, 1999; *apud* ANJOS; OLIVEIRA; VELARDI, 2015).

Historicamente, o balé clássico busca transmitir certo ideal de beleza e perfeição, sendo que, de forma geral, a figura das bailarinas é estereotipada, parecendo distante da realidade, fazendo com que no decorrer de suas vidas acabem sofrendo uma grande pressão para corresponder a tais expectativas (FALCÃO; MARTINS; SILVA, 2020).

Em diversos momentos, percebe-se a exigência sobre os gestos, em que a bailarina deveria se moldar para atingir uma forma preestabelecida, como, as cinco posições de pés, codificadas por Pierre Beauchamp (KASSING, 2016), todas realizadas *en dehors*, uma rotação externa da articulação coxofemoral.

Antes da era do Período Romântico na dança, surge Jean-Georges Noverre, figura ímpar que seria responsável por uma intensa revolução na dança. Seu pensamento crítico questionava os paradigmas academicistas, propondo uma série de mudanças registradas em forma de quinze cartas, que deixam claro todo o seu ideal, traçando um novo rumo para a dança. Noverre propõe que o balé deveria deixar de ser simplesmente mecânico e voltado à estética e à técnica, para tornar-se uma dança de expressão (balé de ação). Ele dizia que o balé deveria narrar uma ação dramática apropriando-se da pantomima; criticava os pesados trajes utilizados, que segundo este, limitavam as possibilidades de movimento, e o uso de máscaras; defendia o estudo para os bailarinos e trazia fortes críticas à dança, apontando-a como fútil e demasiadamente virtuosa (FALCÃO; MARTINS; SILVA, 2020).

Ainda no Romantismo, surge a sapatilha de ponta, por volta de 1831, com Marie Taglioni, como um artefato tecnológico para elevar o corpo, trazendo a ilusão de que a bailarina flutua no palco, em personagens como ninfas, Sílides ou Willis; ou seja, não humanas, construindo assim, um imaginário carregado até hoje no balé clássico, de bailarinas muito magras, delicadas e perfeitas (FALCÃO; MARTINS; SILVA, 2020).

Este período marca o início do profissionalismo na dança, os professores (*maitres*) estavam tão presentes na vida da realeza que eram responsáveis não só por organizar festas de noivado como até mesmo substituir o pai da família quando este não estava presente. Havia uma prioridade do amador sobre o profissional no início do balé, uma vez que os executantes e coreógrafos eram cortesãos da alta classe e os bailarinos profissionais eram das classes menos nobres (BOURCIER, 2001, citado por FALCÃO; MARTINS; SILVA, 2020).

Já no Brasil, foi no século XIX, que bailarinos, coreógrafos e professores de Companhias estrangeiras começaram a se apresentar em teatros (PEREIRA, 2003; CAMINADA, 1999; ELLMERICH, 1964, citados por FERREIRA, 2012). No entanto, foi no início do século XX que a dança teatral se enraizou no país e começou a desenvolver-se significativamente (FERREIRA, 2012).

Incentivada por Mário Nunes, crítico de teatro do Jornal do Brasil, na década de 1920, Maria Olenewa ministrou uma aula inaugural na sala que seria o embrião do Corpo de Baile do *Theatro* Municipal, fundando a primeira escola de dança no país (FERREIRA, 2012).

O casal de bailarinos Pierre Michailowsky e Vera Grabynska também teve sua importância para o ensino do balé. Após viver um tempo em Buenos Aires, em 1926, eles decidem fixar residência no Rio de Janeiro, e criar cursos de balé que eram oferecidos em clubes para moças da sociedade carioca. Um dos pioneiros a aceitar essa proposta foi o Fluminense Futebol Clube que, no dia 13 de outubro de 1928, apresentava o primeiro espetáculo das alunas do Curso de Ginástica Plástica e Danças Clássicas (FERREIRA, 2012).

Em 1936, foi criado o Corpo de Baile do *Theatro* Municipal com alunos oriundos da escola. No ano seguinte, ocorre a primeira temporada do Corpo de Baile oficial do *Theatro* Municipal do Rio de Janeiro, também dirigido por Maria Olenewa (FERREIRA, 2012). Ainda segundo o supracitado autor, nas décadas seguintes foram muitas as iniciativas, tanto privadas quanto públicas, que impulsionaram o desenvolvimento do balé no Brasil.

## 2.2 O corpo no balé clássico

De acordo com Anjos, Oliveira e Velardi (2015), uma das características mais esperadas às bailarinas é o corpo esguio e a leveza, forçando uma deter-

minada conduta estética. Esta imagem pode ser observada desde as primeiras apresentações, como a encenada por Marie Taglione, em Paris no século XIX, *La Sylphide*. O espetáculo é considerado o marco inicial do balé romântico, onde a imagem da bailarina foi vista como a personificação da Sílfide: magra e franzina, refletindo a fragilidade e a leveza da personagem. A partir disso, o balé começou a expor a idealização feminina esperada pela sociedade da época, que ainda perdura na atualidade, pois as bailarinas encenam até hoje os grandes repertórios da dança, e estes requerem praticamente o mesmo biotipo de antigamente, bailarinas magras, porém com estrutura física forte.

Os exercícios desta modalidade de dança enfatizam a postura, o equilíbrio, sustentação, a utilização do *en dehor* (rotação externa dos membros inferiores), além de muita leveza em todos os passos (HAAS; GARCIA; BERTOLLETTI, 2010). Sendo assim, essa padronização corporal imposta às praticantes é pensada para o progresso no aprendizado destas, pois além da parte física, esta exige do aluno muita concentração e disciplina durante as aulas, pela rotina de treinos intensos.

Além do padrão esguio, deve-se ressaltar a importância da necessidade de flexibilidade em determinadas partes do corpo, como pés, pernas, coxas e joelhos (hiperextensão), portanto, o indivíduo que não possui extrema facilidade para atender a essa mecânica, deve construí-la e procurar beneficiar-se de outras qualidades que seu corpo deve possuir, como, por exemplo, a técnica (ANJOS; OLIVEIRA; VELARDI, 2015).

A justificativa para a imposição desse padrão, está na exposição à pressão social do culto ao corpo magro impostos as bailarinas, visto, contemporaneamente, como padrão universal de beleza, principalmente às mulheres (OLIVEIRA, 2018).

Sabendo que as bailarinas clássicas se expressam por meio de seus corpos, notadamente terão uma preocupação demasiada com sua ferramenta, em relação à sua imagem corporal.

### **2.3 Imagem corporal**

De acordo com Tavares (2003) e Schilder (1999), a imagem corporal é como nosso corpo aparece para nós. É uma imagem mental do nosso corpo. Segundo Schilder (1999), nossas emoções e ações são inseparáveis da nossa imagem corporal. Para Tavares *et al.* (2010) a imagem corporal pode ser definida como a representação mental do corpo existencial. Tavares (2003, p. 25) afirma que “o corpo que somos para nós mesmos, nossa imagem corporal, e o mundo que vemos fora de nós, nossa imagem do mundo, convergem uma vez que se constroem juntos e não existem em separado”.

O médico e cirurgião francês, Ambroise Paré, foi o precursor dos estudos sobre a imagem corporal, ainda no século XIV, mas foi na escola britânica que os estudos sobre imagem corporal se aprofundaram, tanto nos aspectos neurológicos quanto fisiológicos e psicológicos. Três séculos após o início dos estudos sobre a imagem corporal, Weir Mitchell, nos Estados Unidos, demonstrou que esta pode ser mudada em condições experimentais ou sob tratamento (GORMAN, 1965, citado por BARROS, 2001).

A imagem corporal é um fenômeno multifacetado, pois segundo Schilder (1999), além de uma construção cognitiva, a imagem corporal é um reflexo de desejos, atitudes emocionais e interações com os outros, sendo que essas influências podem moldar a sua autoimagem. Barros (2005) completa que as emoções desempenham um papel importante no desenvolvimento da imagem corporal e, de fato, além dos fatores sociais, existe uma interação entre aspectos fisiológicos, neurológicos e emocionais.

As pesquisas sobre a imagem corporal se iniciaram no começo do século XX, com foco na descoberta de que uma determinada lesão cerebral acarretava à percepção do sujeito sobre seu próprio corpo ou o espaço que o circundava (TAVARES, 2003).

Os problemas com a imagem do corpo podem se ordenar em um contínuo de moderada insatisfação e preocupação com o corpo e progredir para uma preocupação extrema com a aparência física, levando a uma imagem corporal negativa, sendo que, os casos mais graves de imagem corporal negativa (distúrbios da imagem corporal) são marcados por prejuízos na vida social e profissional, além de causar sofrimento intenso (THOMPSON, 1990, citado por TAVARES *et al.*, 2010).

De acordo com Oliveira (2018), este termo, na maioria das vezes, está enfatizado dentro das problemáticas do balé clássico, em virtude da busca pelo padrão de corpo estipulado nas diretrizes do balé. Portanto, a insatisfação é um dos componentes da imagem corporal, podendo ser definida como a avaliação negativa do próprio corpo, e que na maioria das vezes pode ser desencadeada pela comparação da aparência e a internalização de um modelo ideal de magreza (LEPAGE *et al.*, citado por SIMAS *et al.*, 2019).

#### **2.4 A imagem corporal no balé**

O termo, imagem corporal, na maioria das vezes, é enfatizado dentro das problemáticas do balé clássico, em virtude da busca pelo padrão de corpo estipulado nas diretrizes do balé. Sendo que, a profissionalização da bailarina, juntamente com as vivências do balé, proporciona essa insatisfação com a própria imagem (OLIVEIRA, 2018).

Segundo Haas, Garcia e Bertoletti (2010), estudos demonstram que o padrão de corpo exigido pelo balé clássico pode influenciar negativamente na imagem corporal, tanto na dimensão perceptiva quanto atitudinal, e que as classes de balé parecem encorajar a magreza além de limites normais, podendo desencadear transtornos alimentares, psicológicos e físicos.

Anjos, Oliveira e Velardi (2015) apontam que o físico pedido no balé clássico é esguio, magro, e longilíneo, com membros alongados e finos. Às bailarinas clássicas exigia-se, como se exige até hoje, um corpo que corresponda ao estereótipo da bailarina romântica europeia do século XIX: que seja leve, graciosa, magra e longilínea, e que mantenha a aparência jovem pelo tempo que for possível. Ficando claro que para ser uma bailarina, “ter e apresentar um corpo” conforme os padrões requeridos, é algo inevitável.

Além da parte física, aquelas que querem seguir o profissionalismo, devem obrigatoriamente ter a elevação do nível técnico. Analisando a rotina de bailarinos e atletas, percebe-se que há diversas semelhanças; a busca por excelência e perfeição, capacidades físicas (força, flexibilidade, resistência, coordenação motora, entre outros) e psicológicas (pressão, ansiedade, rigidez etc.) devem ser trabalhadas, sobretudo a superação de limites (FALCÃO; MARTINS; SILVA, 2020).

No âmbito das Companhias e escolas de dança, é comum que os bailarinos pratiquem diariamente aulas de balé clássico de aproximadamente uma hora e trinta minutos ou mais, sendo que, estas aulas visam a manutenção da técnica e das capacidades físicas. Pode haver também algum treino específico de força e flexibilidade antes ou após a aula de balé. Em um segundo momento, começam os ensaios de balés do repertório da Companhia e/ou montagem de novos espetáculos, totalizando um período de aproximadamente oito horas de treino diário (FALCÃO; MARTINS; SILVA, 2020).

Falcão, Martins e Silva (2020) explicam que raramente a rotina de treinos é cancelada ou alterada por fatores externos (salvo alguma adaptação por conta de espetáculos e viagens) ou até mesmo em caso de lesões. É comum o bailarino continuar sua rotina de treinos com a presença da dor, sempre ultrapassando seus limites físicos e psicológicos, sendo que, qualquer desconforto interfere diretamente na performance do indivíduo, ainda que pareça irrelevante.

Geralmente as salas onde ocorrem as aulas têm um formato retangular e são compostas por espelhos, barras e o chão é geralmente revestido por linóleo ou madeira (FALCÃO; MARTINS; SILVA, 2020). Levando em consideração que a bailarina passa cerca de oito horas diárias em frente a diversos espelhos, pode-se fazer uma ligação com seu psicológico, pois durante toda a aula estará vendo seu corpo, fazendo com que se obrigue a encaixar-se nos padrões impostos, se pressionando ainda mais, para seguir com a sua prática e não ocorrer a insatisfação



da imagem corporal pelo que está vendo, e nenhum outro transtorno, pois esta sabe qual é o corpo ideal veiculado pelas Companhias, e se ela não estiver neste padrão ocorrerá esta insatisfação e distorções.

## 2.5 Insatisfação e distorção da imagem corporal

A preocupação com a estética corporal presente na dança clássica está relacionada à insatisfação com a imagem corporal. Entretanto, a insatisfação é um dos componentes da imagem corporal, podendo ser definida como a avaliação negativa do próprio corpo, e que, na maioria das vezes pode ser desencadeada pela comparação da aparência e a internalização de um modelo ideal de magreza (LEPAGE *et al.*, citado por SIMAS *et al.*, 2019).

De acordo com Haas, Garcia e Bertolotti (2010), as profissões que demandam uma estética corporal própria, como modelos, bailarinas, e atletas, apresentam maior incidência de casos de insatisfação corporal. Isso se justifica pelo fato de as bailarinas profissionais representarem um grupo cuja atividade envolve treinamentos físicos constantes e intensos, no qual há um padrão estético imposto a elas, podendo levar à insatisfação e distorções na sua imagem corporal, pois a dança trabalha diretamente com o corpo, e é por meio dele que a bailarina vivencia diferentes emoções e as transmite em suas coreografias.

É muito comum que as bailarinas, mesmo com um corpo forte e saudável, não se sintam satisfeitas com seus corpos por não se enquadrarem no padrão corporal, até mesmo quando se enquadram (distorção da autoimagem). Estudos realizados por Lima e Carvalho (2023), Nascimento (2021), Araújo *et al.* (2020) e Gonçalves *et al.* (2017) constataram que as bailarinas estão insatisfeitas com a sua imagem corporal, muitas se veem mais fracas, com corpo pouco musculoso ou acima do peso em função de uma distorção da autoimagem para o padrão pré-estabelecido. Contudo, esse alto índice de insatisfação e distorção entre as bailarinas é deveras preocupante. Isso ocorre, pois há uma grande exigência do físico destas, podendo levá-las a busca de métodos errôneos para alcançar um biotipo, colocando em risco suas carreiras e a saúde, sendo sempre pressionadas a buscarem se adequar aos padrões propagados do balé clássico (OLIVEIRA, 2018). Pucci *et al.* (2020) corroboram essa preocupação com a imagem projetada pelas bailarinas, o que pode ocasionar baixa autoestima e transtornos do comportamento alimentar.

Essa busca diária pelo físico perfeito, veiculado pelas Companhias de balé, além de gerarem distúrbios alimentares, podem gerar também distúrbios físicos e mentais, como lesões, ansiedade, entre outros, ocasionando até em saída indesejada e prematura da Companhia ou Escola, pois o corpo não está

mais aguentando a busca incessante pela magreza e os problemas decorrentes (CAMPOS; SANTOS, 2019). Pelonha (2018) confirma, por meio de um estudo, essa possibilidade de incorreta ingestão alimentar nas bailarinas em função da sua distorção da autoimagem. Outro aspecto levantado por Souza e Capraro (2022) é o autoritarismo que impera em algumas entidades, provocando assim enorme pressão em cima dos bailarinos e bailarinas.

## **2.6 A educação física e o balé**

O balé clássico, como já citado, exige demasiada força, equilíbrio, potência, entre outras capacidades, em todos os seus passos e movimentos, devendo ser intensamente desenvolvidos em todas as aulas. Portanto, é sempre interessante combinar mais de uma modalidade praticada, para que assim possam ser desenvolvidos o maior número de músculos do corpo com movimentos variados (RAMOS, 2018).

Os profissionais de educação física podem contribuir neste sentido, por pertencerem à área da saúde e ter conhecimento de que a insatisfação corporal pode ter uma implicação importante na autoestima das bailarinas, sendo de extrema importância o acompanhamento destes profissionais às praticantes de balé. Estes podem auxiliar na parte do condicionamento físico, psicológico, aceitando sua imagem corporal e o seu físico, conhecendo seus limites, nas capacidades físicas, evitar hábitos alimentares inadequados, e se necessário, emagrecerem de forma saudável (LEAL, SILVA; SILVA, 2020).

Nascimento (2021) coloca que o acompanhamento multidisciplinar se faz necessário para compreender o problema e estimular ações preventivas, garantindo um melhor desempenho aos praticantes em um padrão saudável.

## **3. CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Conforme a pesquisa realizada, percebe-se que a predominância de insatisfação e distorção da imagem corporal tem sido observada frequentemente entre as bailarinas clássicas profissionais, mesmo quando apresentam características antropométricas eutróficas, pois esta atividade solicita um padrão corporal, de magreza, muito específico para a modalidade, e uma boa performance que exige suavidade nos movimentos. Com isso, esses padrões rígidos, que são comuns às diretrizes do balé, determinam um “corpo perfeito” a ser almejado e alcançado, para além da técnica dos movimentos.

A imagem corporal é um tema que sempre está em evidência quando se aborda a dança, pois a busca dessa imagem corporal ideal em bailarinas vai além dos ideais da população em geral e, enquanto elas se tornam profissionais, a necessidade de manter o padrão corporal adequado vai aumentando.

As bailarinas entrevistadas no estudo de Campos e Santos (2019), citaram demasiadamente sobre o outro que legisla em relação ao corpo do sujeito, que impõe uma padronização corporal, ou seja, o outro são as Companhias de dança, as diretrizes do balé, e o corpo são as bailarinas, que fazem de tudo para se encaixarem nesse padrão imposto a elas.

Com exagerada comparação e pressão psicológica dessas bailarinas, acabam ocorrendo distorções da imagem corporal, e essas distorções alteram a maneira como elas enxergam seus corpos, influenciando-as a distúrbios físicos e psicológicos, colocando suas carreiras e saúde em risco, sempre sendo pressionadas exorbitantemente a buscarem se adequar aos padrões propagados pelas diretrizes do balé clássico.

Este corpo ideal, veiculado pela cultura do balé, e pelas companhias e escolas, é uma padronização corporal europeia, internacional, buscando reproduzi-la no corpo da mulher brasileira. Portanto, podemos dizer que este padrão está no registro do “impossível”, inclusive para as bailarinas europeias, pois a busca deste “corpo ideal” interfere radicalmente na saúde física e mental das dançarinas, quando levadas ao extremo.

Entretanto, esta padronização corporal imposta às bailarinas é pensada para o progresso do aprendizado. Para a profissionalização na área é importante que este padrão seja alcançado, mas dentro dos limites físicos de cada dançarina, para que não ocorram distúrbios psicológicos. O padrão estético deve ocorrer de maneira saudável, com treinamento físico intenso, mas planejado e estruturado.

Concluindo, para evitar os distúrbios psicológicos e físicos, o profissional de educação física e outros profissionais da saúde, tem um papel fundamental na vida das bailarinas, estes devem fazer o acompanhamento delas, como foi citado por Leal, Silva e Silva (2020), auxiliando nas áreas de condicionamento físico, psicológico, nas capacidades físicas, motoras, mas, se necessário, devem emagrecer de forma saudável. Além disso, recomenda-se mais estudos sobre imagem corporal em grupos considerados de risco, visando a identificação de distúrbios graves e transtornos alimentares, que poderão trazer consequências nocivas à saúde das bailarinas, podendo acarretar o término de sua carreira profissional.

#### 4. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AMARAL, Jaime. Das danças rituais ao *ballet* clássico. **Revista Ensaio Geral**, Belém, v.1, n.1, jan./jun. 2009.

ANJOS, Kátia S. S. dos; OLIVEIRA, Régia C.; VELARDI, Marília. A construção do corpo ideal no balé clássico: uma investigação fenomenológica. **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte**, v. 29, n. 3, São Paulo, jul./set. 2015. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbefe/a/3j5NYnyGWBbzfxj6SCtDqyJ/?lang=pt&format=html>. Acesso em: 8 out. 2023.

- ARAÚJO, Iris I. de R.; *et all*. Distorção da imagem corporal em bailarinas jovens. **Revista Pensar a Prática**, Goiás, v. 23, e61725, 2020. Disponível em: <https://pesquisa.bvsalud.org/portal/resource/pt/biblio-1145241>. Disponível em: 9 out. 2023.
- BARROS, Daniela D. **Estudo da imagem corporal da mulher: corpo (ir)real X corpo ideal**. 2001. 190 p. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Educação Física da Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2001.
- \_\_\_\_\_. Imagem corporal: a descoberta de si mesmo. **História, Ciências, Saúde - Manguinhos**, v. 12, . 2, p. 547-554, mai./ago. 2005. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/hcsm/a/xF33tqFH3s4MnxJDR35MwCL/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 08 out. 2023.
- CAMPOS, Moema F. de; SANTOS, Katia A.. dos. O padrão corporal feminino no balé: uma leitura psicanalítica. **Revista Psicanálise & Barroco**, v.17, n. 3, Rio de Janeiro, dez. 2019. Disponível em: <http://seer.unirio.br/index.php/psicanalise-barroco/article/view/9629> . Acesso em: 14 mai. 2023.
- FALCÃO, Hilda T.; MARTINS, Juliana L.; SILVA, Pâmela S. M. da. Para além dos fouettés: O balé clássico e seus caminhos. **Brazilian Journal of Development**, v. 6, n. 8, p. 61215-61233, 2020. Disponível em: [https://www.brazilianjournals.com/ojs/index.php/BRJD/article/download/15468/12734?\\_\\_cf\\_chl\\_tk=uy9JFIh-CgRDIGmOdivyp8hAX8unVqzR3U4WtWHaqTmE-1705603911-0-gaNycGzND-tA](https://www.brazilianjournals.com/ojs/index.php/BRJD/article/download/15468/12734?__cf_chl_tk=uy9JFIh-CgRDIGmOdivyp8hAX8unVqzR3U4WtWHaqTmE-1705603911-0-gaNycGzND-tA). Disponível em: 9 out. 2023.
- FERREIRA, Mirza; STRAZZACAPPA, Márcia. Primeiros passos do balé clássico no Brasil. **Anais ABRACE**, v. 13, n. 1, 2012. Disponível em: <https://www.publionline.iar.unicamp.br/index.php/abrace/article/view/2337>. Acesso em: 08 out. 2023.
- GONÇALVES, Patrícia S. de P.; *et all* Avaliação da satisfação com a autoimagem corporal em bailarinas. **Revista Brasileira de Prescrição e Fisiologia do Exercício**, Rio de Janeiro, v. 11, n. 66, p. 301-308, mai./jun. 2017. Disponível em: <https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=6125416>. Acesso em: 9 out. 2023.
- HAAS, Aline N.; GARCIA, Anelise C. D.; BERTOLETTI, Juliana. Imagem corporal e bailarinas profissionais. **Revista Brasileira de Medicina do Esporte**, v. 16, n. 3, Rio Grande do Sul, mai./jun. 2010. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbme/a/d5zJcP4TnPMnFpB8T4DnHZf/?lang=pt>. Acesso em: 10 out. 2023.
- KASSING, Gayle. **Ballet: fundamentos e técnicas**. Tradução de Nilce Xavier. Barueri, SP: Manole, 2016.
- LEAL, Renata K. P.; SILVA, Nayra S. S.; SILVA, Rosângela R. V. Autoestima e satisfação corporal de bailarinas. **Revista Brasileira de Obesidade, Nutrição e Emagrecimento**, São Paulo, v. 14, n. 85, mar./abr. 2020. Disponível em: <http://www.rbone.com.br/index.php/rbone/article/view/1203>. Acesso em: 11 out. 2023.

LIMA, Maria H. S.; CARVALHO, Leyla R. de M. S. Análise da satisfação da imagem corporal relacionada às partes corporais em bailarinas adultas da cidade de Teresina-PI. **Revista Brasileira de Obesidade, Nutrição e Emagrecimento**, São Paulo, v. 17, n. 108, p. 327-339, mai./jun. 2023. Disponível em: <http://www.rbone.com.br/index.php/rbone/article/view/2243>. Acesso em: 10 out. 2023.

NASCIMENTO, Suzana C. V. B. do. A insatisfação com a imagem corporal e os possíveis distúrbios alimentares entre os praticantes de balé clássico. **Brazilian Journal of Health Review**, Curitiba, v. 4, n. 4, p. 16671-16681. jul./ago. 2021. Disponível em: <https://ojs.brazilianjournals.com.br/ojs/index.php/BJHR/article/view/34004>. Acesso em: 10 out. 2023.

OLIVEIRA, Lícia Xavier de. **Imagem corporal de estudantes de balé clássico**: um estudo qualitativo. 2018. Monografia (Graduação em Educação Física) – Instituto de Educação Física e Esportes da Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2018. Disponível em: <https://repositorio.ufc.br/handle/riufc/37330>. Acesso em: 11 out. 2023.

PELONHA, Rafaela N. da C. **Insatisfação e distorção da imagem corporal em bailarinas adolescentes**. 2018. 41 p. Monografia (Graduação em Nutrição) – Centro de Ciências da Saúde da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2018. Disponível em: <https://repositorio.ufrn.br/handle/123456789/40063>. Acesso em: 12 out. 2023.

PUCCI, Isabella de M.; *et all*. Percepção de imagem corporal em bailarinas clássicas. In: CASTRO, Luis H. A.; PEREIRA, Thiago T.; OESTERREICH, Silvia Ap. (org.). **Ciências da saúde**: campo promissor em pesquisa 8. Ponta Grossa, PR: Atena, 2020. (Cap. 13, p. 97-104)

RAMOS, Jéssica N. **A influência do treinamento de pilates na força muscular abdominal e membros inferiores de bailarinas de dança jazz**. 2018. 12 p. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Educação Física) – Universidade do Sul de Santa Catarina, Tubarão, 2018.

SCHILDER, Paul. **The image and appearance of the human body**: studies in the constructive energies of the psyche. Abingdon: Routledge, 1999.

SIMAS, Joseani P. N.; MACARA, Ana; MELO, Sebastião I. L.; PELEGRINI, Andreia. Fatores associados à insatisfação com a imagem corporal em bailarinos profissionais. **Revista Brasileira de Nutrição Esportiva**, São Paulo, v. 13, n. 80, p. 581-590, 2019. Disponível em: <https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=7062882>. Acesso em: 09 out. 2023.

SOUZA, Maria T. O.; CAPRARO, André M. Formação em balé clássico no Brasil: percepções sobre as novas formas de ensino e o instável mercado para bailarinos a partir de um contexto específico. **Motrivivência**, Florianópolis, v. 34, n. 65, p. 1-19, 2022. Disponível em: <https://pesquisa.bvsalud.org/portal/resource/pt/biblio-1392687>. Acesso em: 10 out. 2023.

TAVARES, Maria da C. G. C. F.; *et all.* Avaliação perceptiva da imagem corporal: história, reconceituação e perspectivas para o Brasil. **Psicologia em Estudo**, v. 15, n. 3, p. 509-518, set. 2010. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pe/a/XpP75J9WdZ-jMwxb7J83LYXs/>. Acesso em; 11 out. 2023.

TAVARES, Maria da C. G. C. F. **Imagem corporal**: conceito e desenvolvimento. Barueri, SP: Manole, 2003.

## TEORIA GERAL DO PROCESSO E CRIMINOLOGIA - DO DIREITO, DA SOCIEDADE E A VIOLÊNCIA

General theory of process and criminology – Of law, society and violence

AUTOMARE, Marcio Miguel<sup>37</sup>

BREION, Priscila Camati<sup>38</sup>

MARINHO, Vanessa Tibério Vieira<sup>39</sup>

BUSNELLO, Maria Regina de Castro (Orientadora) <sup>40</sup>

### RESUMO

A pesquisa pretende demonstrar que as relações jurídicas na sociedade, desenvolveram-se durante muitos séculos, quando em determinadas épocas prevaleceram doutrinas, que procuravam resolver as divergências existentes na permanente dificuldade de se chegar a uma sociedade justa e distributiva dos seus bens, sejam eles naturais ou aqueles impostos por doutrinas jurídicas de uma determinada época e seu contexto. A opção para alcançar respostas e ou entender os conflitos, se dá pelo critério dedutivo, pois se parte de legados, do saber jurídico consolidado. Responder como se dá a relação entre o Direito, o Processo Civil e o Direito Penal. Demonstrar a fundamental relação entre a Teoria Geral do Processo, a Criminologia e a Violência. Responder se este caminho pode ser o encontro do ato de julgar com o de fazer justiça. As respostas obtidas, apontam a permanente contradição na sociedade e as dificuldades para se encontrar a paz desejada, o bem-estar e a prosperidade.

**Palavras-chave:** Direito, Processo, Sociedade, Violência.

### ABSTRACT

The research intends to demonstrate that the legal relations in society have developed over many centuries, when at certain times doctrines prevailed, which sought to resolve the divergences existing in the permanent difficulty of reaching a just society and distributive of its goods, whether they are natural or those imposed by legal doctrines of a given time and its context. The option to reach answers and/or understand conflicts is given by the deductive criterion, as it is based on legacies, on consolidated legal knowledge.

**Keywords:** Law, Process, Society, Violence.

#### Como citar este artigo:

AUTOMARE, Marcio Miguel *et al.* Teoria geral do processo e criminologia - do direito, da sociedade e a violência. **Revista Acadêmica Drummond – ReAD.** São Paulo. 2023. Disponível em: (colar link desta edição). Acesso em: (dia mês ano – exemplo: 03 ago. 2023.)

<sup>37</sup> marcioautomare@yahoo.com.br; Economista, Discente, Centro Universitário Carlos Drummond de Andrade.

<sup>38</sup> priscilacamati@gmail.com; Discente, Centro Universitário Carlos Drummond de Andrade.

<sup>39</sup> vanessatvm@hotmail.com; Discente, Centro Universitário Carlos Drummond de Andrade.

<sup>40</sup> maria.busnello@unidrummond.com.br; Professora do Centro Universitário Carlos Drummond de Andrade.

## 1. INTRODUÇÃO

O Direito e a Justiça relacionam-se como parte de um mesmo corpo. A pergunta necessária a ser feita é: como se deu esta evolução na história da humanidade? Pode-se com certeza dizer que o Direito é o fundamento da vida entre homens e a sustentação de suas relações dentro da sociedade em que habitam. Não é uma relação de interesses que funciona perfeitamente durante anos e até séculos. Entretanto deve sempre responder as demandas da sociedade, nos momentos em que ocorre conflito de interesses, sem o Direito não haveria Justiça. Pode-se repetir um paradigma comum a todos “Não há justiça se o Direito não funciona direito”.

Nesta pesquisa dedutiva que é apresentada, será mostrado que são várias as injunções das normas jurídica no dia a dia da vida em sociedade. São milhares de anos de aperfeiçoamento, entretanto pode-se dizer que a ciência e a tecnologia avançaram de forma acelerada neste século XXI, mas as normas jurídicas ainda guardam influências de códigos milenares, em todos os campos e especialidades do direito, seu desenvolvimento justificadamente mais lento e permanente, destaca o passado e mantém sua influência no mundo atual.

A aplicação do Direito não deve se tornar o problema e sim a solução de pequenos e grandes conflitos inerentes à vida da sociedade e da relação com o Estado, que tem o poder de definir as direções da sociedade, desde que este poder seja praticado democraticamente. Neste ponto vale ressaltar, que todas as mudanças em legislações e normas, devem partir do legislativo, com obediência estrita à Constituição em vigor que orienta a sociedade. Deve obedecer, sem transigir com tentativas de acomodações e influências vindas de um dos outros poderes constituídos.

Agora em diante, nesta pesquisa, será abordado de maneira direta e resumida, aspectos gerais e resultados obtidos.

## 2. TEORIA GERAL DO PROCESSO

O Estado moderno se inicia com o Iluminismo (Século XVII), com os filósofos utilitaristas, ensinando qual deveria ser papel do Estado, ao definir regras e comportamentos, pois assim haveria condições de se alcançar a justiça. Foi fundamental estabelecer regras, normas e códigos, que através da aplicação do Direito, em meados do século XVIII, ser possível administrar os crescentes conflitos na sociedade, que passava por mudanças radicais, causadas pelas revoluções desta época, destaque para Revolução Americana, a Revolução Francesa e a Revolução Industrial.

A teoria geral do processo é o conjunto de conceitos sistematizados que serve aos juristas, sabedores de seus mecanismos, desde então praticados em diferentes ramos do direito, a estrutura destes conceitos e institutos básicos para plena aplicação do direito processual.



Como dito no parágrafo anterior, não se pode entender o processo, como uma só aplicação, uma só e simples fórmula, que serve para o encaminhamento de todas as questões na aplicação do direito. O Processo serve como princípio fundante para toda provocação que se faça à justiça e consolida a tese de que a justiça dorme, enquanto não é provocada.

Considerada de grande importância, os princípios instituídos na Constituição Federal do Brasil de 1988, são fundamentais para o estabelecimento do devido Processo Legal, destacados pelos marcadores a seguir. São eles os princípios chamados fundamentais:

- Da Igualdade (Art. 5, caput, CF), “Todos são iguais perante a lei, sem distinção de qualquer natureza, garantindo-se aos brasileiros e residentes no País a inviolabilidade do direito à vida, à liberdade, à igualdade, à segurança e à propriedade, nos termos seguinte”;
- Da Duração Razoável do Processo ou Celeridade (Art. 5, LXXVIII, CF), “a todos, no âmbito judicial e administrativo, são assegurados a razoável duração do processo e os meios que garantam a celeridade de sua tramitação. (Incluído pela Emenda Constitucional nº 45, de 2004) (Vide ADIN 3392)”;
- Da Ampla Defesa (Art. 5, LV, CF), “aos litigantes, em processo judicial ou administrativo, e aos acusados em geral são assegurados o contraditório e ampla defesa, com os meios e recursos a ela inerentes”; do Contraditório (Art. 5, LIV ou LV,CF);
- Da Imparcialidade do Juiz e do Juiz Natural (Art. 5, XXXVII e LIII, CF), XXXVII CF “não haverá juízo ou tribunal de exceção”; LIII CF “ninguém será processado nem sentenciado senão pela autoridade competente”; da Inércia e da Demanda (Art. 312 do CPC e Art. 2 CPC), 312 CPC “Considera-se proposta a ação quando a petição inicial for protocolada, todavia, a propositura da ação só produz quanto ao réu os efeitos mencionados no art. 240 depois que for validamente citado”; 2 CPC “o processo começa por iniciativa da parte e se desenvolve por impulso oficial, salvo as exceções previstas em lei. Ambos os princípios são extraídos do mesmo dispositivo legal;

- Da Inércia da jurisdição (indica que somente a parte pode iniciar o processo);
- Do Duplo Grau de Jurisdição;
- Da Economia Processual;
- Da Publicidade;
- Da Inafastabilidade do Controle Jurisdicional (Art. 5, XXXV, CF), “a lei não excluirá da apreciação do Poder Judiciário lesão ou ameaça a direito”;
- Da Lealdade Processual ou da boa-fé Processual; da Motivação das Decisões (Art.93, inc. IX, CF) e da Oralidade, “todos os julgamentos dos órgãos do Poder Judiciário serão públicos, e fundamentadas todas as decisões, sob pena de nulidade, podendo a lei limitar a presença, em determinados atos, às próprias partes e a seus advogados, ou somente a estes, em casos nos quais a preservação do direito à intimidade do interessado no sigilo não prejudique o interesse público à informação; (Redação dada pela Emenda Constitucional nº 45, de 2004)”.

### 3. O PROCESSO LEGAL

*“O Direito romano parece particularmente precioso em uma época como a nossa, de proliferação legislativa e de mudanças econômicas e sociais. Seria perigoso, de fato, limitar a formação do jurista ao estudo do único Direito em vigor. (VIGNERON:1994)<sup>41</sup>”.*

A aplicação do Direito depende da época em que ele ocorre, independente de possíveis anacronismos, em função do tempo passado. A mecânica do Direito Romano ainda é aplicada em todo mundo. O segredo desta longevidade das muitas normas e artigos que faziam parte da *“Lei das Doze Tábuas”*, ainda está entre nossas práticas jurídicas, pois continuamos os mesmos, como foi definido pelo filósofo inglês Jeremy Benthan, jurista e filósofo do século XVII, que definiu as regras básicas do utilitarismo<sup>42</sup>, onde o núcleo da teoria é *“afirmar que o ser humano procura sempre*

---

<sup>41</sup> DE ALTAVILA, JAIME - A Origem dos Direitos dos Povos, Edições Melhoramentos - Trecho citado.

*seu bem-estar e que o Estado deve produzir as leis que permitam que o bem-estar das pessoas seja atendido, sem que cause malefícios ou prejuízos aos outros”.*

Exemplo da permanência das normas vigentes na Lei das Doze Tábuas (450AC) e algumas normas, que de certa forma, permanecem ainda em nossos dias. Citamos algumas destas relações com o Código Civil de 2002 e com o Código Penal:

1. Se convocas alguém à presença do magistrado e ele se recusa, obriga-se este alguém a comparecer. (Tábua I);
2. Quem procede sem dolo não comete furto. (Tábua II);
3. Aquilo que o pai de família houver testado relativamente aos seus bens, ou à tutela, terá força de lei. (Tábua V);
4. A propriedade de uma coisa vendida não é adquirida por aquele que a comprou enquanto o adquirente não pague o preço (Tábua VI). Cabem relações diretas com Artigo 1196 CCB (posse) e Artigo 1228 CCB (propriedade);
5. Disponibilizar (em leilão) parte ou totalidade dos seus bens para satisfazer credores, Artigo 831 CCB.

Logo, a razão de ser da Teoria Geral do Processo não é outra senão a necessidade de pacificação social, na medida em que o Estado toma para si, com observância do princípio da reserva legal, a responsabilidade de dirimir conflitos com a Justiça e dar a cada um o que é seu. Então passa a ser importante **que a lógica do Processo seja a pacificação social e as normas processuais cumpram este objetivo**. Como exemplo temos o novo CPC. Nele no Art. 359<sup>43</sup>, cita que o Juiz, ao iniciar a audiência, tentará conciliar as partes.

São sujeitos processuais no processo<sup>44</sup> (reproduzimos a seguir parte do conteúdo Teoria Geral do Processo):

**Autor:** *aquele que ocupa o polo ativo, pois foi quem procurou a jurisdição pelo exercício da ação.*

**Réu:** *ocupante polo passivo e que vai responder pela ação.*

**Juiz:** *é o julgador e ocupa uma posição equidistante das partes pelo fato de ser responsável pela prestação jurisdicional.*

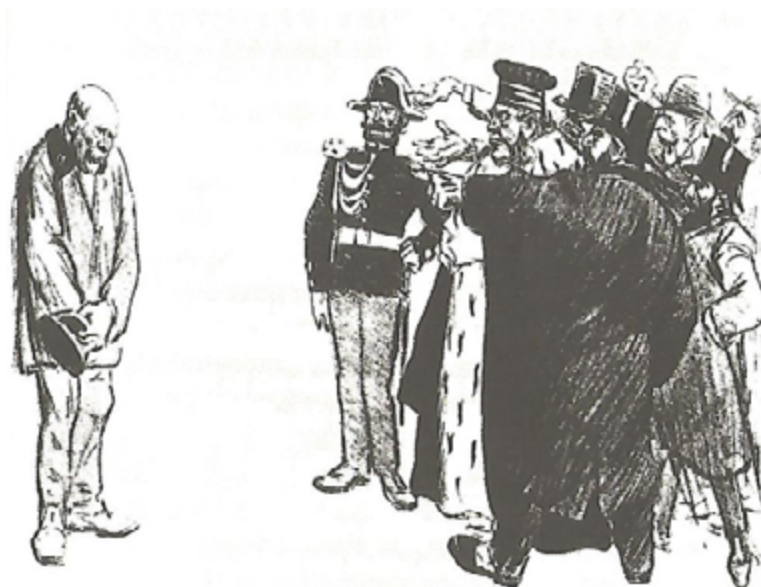
<sup>42</sup> O princípio básico da teoria utilitarista é uma ação pode ser considerada boa ou correta se proporciona mais conforto que dor, e má ou incorreta se resulta no contrário.

<sup>43</sup> Idem - Danilo Alves da Silva - Advogado (OAB 5054/TO).

O conceito das partes é importante na medida que determina os efeitos da sentença. Aliás, essa é a inteligência do Art. 506 do Novo CPC: “A sentença faz coisa julgada às partes entre as quais é dada, não prejudicando terceiros”.

#### 4. CRIMINOLOGIA

Figura 1. O Réu



Fonte: Ilustração em Teoria Geral do Direito.<sup>45</sup>

Começamos por identificar a ideia básica de uma ciência que se mostra empírica, pois repousa mais nas experiências e acontecimentos na sociedade. Assim, dizemos que é um conjunto de conhecimentos que se ocupa do crime, da vítima, do controle social do ato criminoso, bem como, da personalidade do criminoso e da maneira de ressocia-lo.

Também podemos dizer que a ciência criminal é interdisciplinar, pois tem necessidade de recorrer a outras ciências e saberes, tais como biologia, psicopatologia, sociologia, política, antropologia, direito, filosofia e outros.

Convém ressaltar a importância de Cesare Bonasena<sup>46</sup> – Marques de Beccaria (1738-1794), com sua obra “Dos Delitos e das Penas”, que deu rumo para o início de uma nova ciência, na qual vai iniciar o questionamento da maneira tirânica de condução dos processos criminais e se iniciar uma avaliação mais ampla da ação que deu início ao delito. Beccaria começa por questionar o rigor das penas e a maneira como elas eram aplicadas e pesavam mais nas populações carentes e desprovidas de recursos na sua época.

<sup>44</sup> CINTRA, Antônio Carlos; DINAMARCO, Cândido Rangel; GRINOVER, Ada Pellegrini. Teoria geral do processo – 28ª ed.– São Paulo: Malheiros Editores, 2012.

<sup>45</sup> PACHUAKANIS, Evguéni B, Teoria Geral do Direito – Editora Boi Tempo, 2020.

Pode-se dizer que Cesare Bonasena entendia como fenômeno social um crime através da ótica da racionalidade: o sujeito faz um cálculo racional cujo produto, isto é, sua escolha, é o crime. Em outras palavras, trata-se do produto de uma escolha racionalmente calculada cujo fruto é a irracionalidade - o crime é a escolha racional errada.

Outro autor fundamental na consolidação da Criminologia foi Cesare Lombroso (1835-1909), médico italiano que desenvolveu a tese de que o delinquente pode ser reconhecido por suas características físicas e pela possível associação da demência à delinquência.

Assim a teoria positivista lombrosiana influenciou em muito a organização e estruturação do Código Penal de 1940, sendo impossível ignorar que o Código Penal é carregado de preconceito e segregação, não quebrando os costumes brasileiros anteriores de diferenciação clara da população conforme condições étnicas (negros), econômicas e sociais. Assim, os indivíduos indesejáveis, os de classe inferior, ainda são vistos como alienados. Vale ressaltar também que são levadas às últimas consequências, as penas dos crimes corriqueiros contra o patrimônio privado atingindo de forma mais severa quando comparadas às sanções de crimes maiores, como corrupção, sonegação de altos impostos, normalmente praticados por indivíduos privilegiados, embora ambos versem sobre o mesmo bem jurídico.

#### **4. O NASCIMENTO DAS PRISÕES**

É necessário um relato sobre o início da penalização e do consequente aprisionamento do condenado. Devemos saber que a criação de presídios são consequência do aumento contínuo da população e maior complexidade da sociedade; bem como, que a punição em épocas anteriores, passou primeiro pela escravidão, depois as galés e o exílio/degredo em lugares distantes, quase sem condições de sobreviver.

O início da era, de punir o infrator com aprisionamento, começa a ocorrer no final do século XVI e coincide com o início da Revolução Industrial. Nesta época ocorrem grande migração do campo para as cidades. Estes refugiados do campo são pequenos proprietários, expulsos de suas terras. O fato é que trazem para cidade grandes contingentes de miseráveis, criando assim uma grande crise social. Quase todas capitais da Europa, recebem essa população que possuem poucos recursos para sobreviver na cidade e começam a praticar furtos para enfrentar a fome e o frio.

---

<sup>46</sup> BONASENA, Cesaré – Marques de Beccaria (1738-1794) - Dos Delitos e das Penas. Disponível em: [https://pt.wikipedia.org/wiki/Cesare\\_Beccaria](https://pt.wikipedia.org/wiki/Cesare_Beccaria).

Pode-se dizer que a necessidade constrange o homem a ceder uma parte de sua liberdade, desde que possa sobreviver. O conjunto de todas essas pequenas porções de liberdade funciona como fundamento para o direito de punir. Deve também considerar que este exercício do poder é abuso e não é justiça. O poder de fato e não do direito, talvez uma usurpação e não um poder legítimo.

Nesta nova conjuntura socioeconômica, nasce a nova concepção de prisão como pena, abandonando o antigo aspecto cautelar e, neste contexto, cabe destacar o escrito de Cesare Beccaria<sup>48</sup> *“abordando os aspectos penais, sob um parâmetro coeso e consistente, abolindo o sistema criminal desumano e ineficiente, abordando o contrato social, legitimando na imposição da pena pelo homem, o qual sacrificando uma parte de sua liberdade seria agraciado do resto com mais segurança”*.

## 5. A SOCIEDADE

Dizemos com certeza que os seres humanos convivem num limitado espaço geográfico, com hábitos e linguagem pela qual se entendem e, pode-se dizer, assemelham-se e adotam regras gerais na maneira de viver e conviver em neste início do século XXI.

Descendentes e pertencentes à cultura ocidental, herdeiros da cultura grega, que desde o Século V AC, começam a se organizar de acordo com ensinamentos e escritos dos principais filósofos. Uma época de riqueza intelectual, quando existiram e conviveram entre si muitas correntes filosóficas, que deixaram um grande legado aproveitado logo a seguir pelos romanos, depois influenciaram o recém-nascido cristianismo e com certeza chegam aos nossos dias.

Nesta época nasce um império que vai dominar o mundo ocidental por quase dois mil anos, ou seja, do século III AC até o século XVI DC. Ao consultar a história da humanidade, conclui-se que nenhum império dominou o mundo por tantos séculos, impondo suas regras, normas e doutrinas jurídicas. O mundo viveu com certa estabilidade a denominada “Pax Romana”, assim nomeada nesta longa noite pelos historiadores.

A sociedade, a forma como os homens convivem entre si de forma pouco harmoniosa, começa a se organizar desde então. Esta relação entre os homens, infelizmente nunca foi possível sem conflitos e domínio do mais forte na política e militarmente. A sociedade evoluiu de forma muitas vezes cruel e com muitas guerras, pestes e a fome. Mesmo num mundo cuja população no ano de 1500 DC chegou a meio bilhão de pessoas, não conseguiu obter suficiência de recursos para alimentar todos e com oportunidades para aqueles que nasciam.

Como organizar todos os conflitos que surgiram e causaram revoltas e distúrbios sociais? Deve ser considerado que a solução foi buscar na rica herança legada à humanidade pelo Império Romano e o Direito Romano, que organizou da melhor forma possível as relações sociais da época e facilitou a vida na sociedade daquela época.

## 6. A VIOLÊNCIA

O instinto de violência entre os humanos é comprovado desde milhares de anos passados e juntado a época atual não mudou expressivamente. A violência dos humanos difere dos animais predadores, pois estes o fazem por instinto de sobrevivência, pois é necessário buscar alimentos para viver. Ainda é necessário observar que este processo de caçadores e predadores, com hábitos próximos, é documentado desde nossa existência primitiva. Até uma ruptura com desenvolvimento dos nossos neurônios, que permitiu ao humano desenvolver ferramentas e começar a cultivar o solo e produzir alimentos para seu consumo, independentemente de caça ou até do clima. O humano avançou e produziu ferramentas, quando então a vida sedentária permitiu sua permanência em regiões apropriadas, dando início a organização dos grupos sociais.

A organização da vida em grupos, ensejou também a violência entre esta população primitiva. É correto afirmar que surgiram lideranças entre nossos ancestrais e, com certeza, por força ou determinadas características, alguém se sobressaiu e deste momento em diante, a vida dos nossos ancestrais torna-se vida em sociedades governadas pelo Estado, via de regra com poder centralizado.

A partir deste momento, quando se começa a conviver em grupos mais definidos e costumes praticados, língua e hábitos semelhantes, forma-se a ideia de Estado e ele tem necessidade de ser organizado de modo que possa existir a paz entre os habitantes de determinada região.

A tarefa agora será responder como se inicia a violência social, que vem colocar em risco a estabilidade de uma região e a população que vive ali. Devemos acreditar que as dificuldades de sobrevivência, com a falta de alimentos causam a fome e consequentes conflitos na sociedade. Nesta luta sobressai a vontade de vencer as dificuldades existentes para sobreviver. Via de regra se apela para violência, reconhecendo que ela muitas vezes é orientada pelos líderes daquele momento.

Mais um fato determinante, com influência negativa, que ocorreu nestes dois últimos séculos, foi o aumento da pobreza e a diminuição da oferta de meios para a sobrevivência digna e suficientes para evitar a fome. Vive-se hoje, em um mundo dividido entre a minoria rica e a maioria de pobres. Aqui permanece um grande problema, pois a permanência da pobreza, da falta de educação e saúde, não foi resolvida. Para a maioria da população, permanece o sentimento de que só o individualismo pode afastar a violência social e com esforço individual pode superar estas diferenças, o que não se comprova verdadeiro e se transforma numa falácia.

Este cenário tem poucas possibilidades de mudança, devido ao crescimento vertiginoso da população mundial. A população mundial de 500 milhões no ano 1500 DC, passa para 6,5 bilhões de habitantes no planeta em 2020. Este

aumento populacional ocorre no mesmo espaço desde os primórdios dos tempos, sendo que a distribuição das riquezas produzidas pelos homens nestes últimos 500 anos, em grande parte ficam nas mãos de uma minoria. Temos certeza de que este fato, traz conflitos sociais e faz crescer a violência entre os habitantes de uma mesma região.

## 7. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta proposta de pesquisar os fatores que se relacionam na prática do Direito, passou de forma generalizada, a falar da Teoria Geral do Processo e sobre a Criminologia, destacando seus princípios gerais.

Foi desenvolvido ideias sobre a Criminologia, o Nascimento dos Presídios, a Sociedade e por fim da Violência. Com certeza um maior conhecimento jurídico, pode responder e aprofundar estas questões, objetivo maior nesta pesquisa.

Não deve ser considerada a ideia de que o Direito é um saber e, sua aplicação, é engessada e inalterada. As doutrinas caminham de acordo com os passos à frente da humanidade, sempre de acordo com o contexto e o pensamento de um grupo social em uma determinada época. Neste sentido não pode ser omitida a ideia de que o Direito praticado nos dias atuais, guarda muito de suas origens, daquilo que foi definido no Direito Romano e suas subsequentes atualizações ocorridas no mundo ocidental. Ao falar deste desenvolvimento nas diversas variáveis do direito, destaca-se o Direito Civil, que serve de base para todas correntes de entendimento destas práticas jurídicas que vigoram neste início do século XXI.

Na Criminologia destaca-se a contribuição efetiva de autores do século XVIII de XIX e deve ser destacada os autores Cesare Beccaria e Cesare Lombroso, ambos italianos que beberam na fonte do Direito Romano, mas deixaram contribuições valiosas para modernização e humanização de penas e presídios.

É importante não se esquecer do Direito Canônico, que por muitos séculos, até o final da idade média, ditou regras para aplicação de penas que beiravam a barbárie, com execução de condenados à fogueira, especialmente nos casos de bruxaria e heresias, escoradas na intolerância religiosa. Até hoje, muitos pretendem reeditar este tipo de castigo, com punições cruéis. Não esquecer que coube a Cesare Beccaria sugerir que as penas não puniam e sim serviam de espetáculo exibicionista para o Estado mostrar a sua força do castigo exemplar, e do espetáculo para mostrar a força e o rigor da justiça.

Foram vistos os conceitos fundamentais da Sociedade. Como vive e participa a sociedade nestes debates no mundo hoje, tornado plural pelas redes sociais. Os dias de hoje, mostram que não é mais necessário ir para as ruas e se reunir com aqueles que compartilham das mesmas ideias, para depois lutar pelos direitos da sociedade.



Neste momento em que diminuiu a presença nos movimentos de massa nas ruas, a sociedade prefere eleger seus representantes, que via de regra se esquecem das promessas de campanha e escondem suas promessas, pois que podem prejudicar sua futura reeleição.

As redes sociais, este fenômeno recente da internet, trouxe com ela a ocultação de atos, de modo que os cidadãos não se exponham. Na verdade, a sociedade está ausente de todos os debates de questões sociais. Nestes debates, via de regra, a sociedade funciona como “drone<sup>47</sup>” teleguiado, sob a tutela de “influenciadores”, sejam à direita ou à esquerda no aspecto político.

Busca-se examinar sob a ótica da tolerância e da compreensão este fenômeno que acompanha a humanidade desde nossos ancestrais. A violência existe e ainda é cruel, onde as mulheres e as crianças sofrem mais. A violência é física e pesa mais que a violência econômica. De certa forma, a violência racial, o racismo é uma chaga que dificilmente será vencida nos próximos séculos.

De forma resumida o tema do nascimento das prisões foi aprofundado. Por que nossos presídios são superlotados e existe uma grande dificuldade de pensar em sucesso na ressocialização do condenado. A história dos presídios, no Brasil, passou por épocas piores, mas hoje ocorre o exagero das prisões cautelares, ou seja, aquela prisão que não é feita em flagrante e sim quando alguém é suspeito de algum delito. No Brasil hoje, são mais de 800.000 presos, sendo que 41% deste total são de presos ainda não julgados. O Brasil está em terceiro lugar, atrás dos USA com cerca de 2,5 milhões de presos para uma população nacional de 410 milhões de habitantes, ou seja, 0,6% da população americana está encarcerada, no Brasil somos 0,4% da população encarcerada e o melhor é a China que tem apenas 0,1% da população encarcerada.

## 8. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BECCARIA, Cesare. **Dos Delitos e das Penas**, Edipro, 2015.
- FARIAS, Cristiano C.; ROSENVALD, Nelson. **Direito Civil – teoria geral**. São Paulo: Lumen Juris Editora, 2008;
- FOUCAULT, Michel. **Vigiar e Punir**. Petrópolis: Editora Vozes, 2007
- INNOCENTINI, Mário. **O Conceito de Hegemonia em Gramsci**. São Paulo: Editora Tecnos, 1979.
- MORGAN, Lewis H. **Ancient Society**, 1877. Disponível em: <https://www.marxists.org/reference/archive/morgan-lewis/ancient-society/>. Acesso em: 12 nov. 2023.
- ROUANET, Luiz Paulo. **Rawls e o Enigma da Justiça**. São Paulo: Editora Unimarço, 2002.

---

<sup>47</sup> Drone - pequeno dispositivo voador, controlado à distância, geralmente usado para fins recreativos, comerciais ou científicos, especialmente em filmagens aéreas, serviços de fotografias etc.

WACQUANT, Loic. **Punir os Pobres**. Instituto Carioca de Criminologia, Editora Revan, 2003.

PREUSSLER, Gustavo de Souza; CORDAZZO, Karine. A sociedade excludente: exclusão social, criminalidade e diferença na modernidade recente Jock Young. 2018. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rdp/a/9kPh7HkHs9Gx4QtM8gFKp-BL/>. Acesso em; 15 out. 2023.

RODRIGUES SÁ, Lucas. **Breve Histórico da Pena de Prisão**. Disponível em: <https://www.jusbrasil.com.br/artigos/breve-historico-da-pena-de-prisao/241114111>. Acesso em: 12 nov. 2023.